



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



IHAC

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE A UNIVERSIDADE

ALEXSANDRO RABAIOLI NUNES RIBEIRO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: UM ESTUDO SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM CORPORAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Salvador

2017

ALEXSANDRO RABAIOLI NUNES RIBEIRO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: UM ESTUDO SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM CORPORAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para conclusão do Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia.

Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, linha de pesquisa em Qualidade de Vida e Promoção da Saúde.

Orientador (as): Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio (IHAC/UFBA)
Profa. Dr^a Dyane Brito Reis Santos (UFRB/UFBA).

Salvador

2017

Rabaioli Nunes Ribeiro, Alexsandro
Espelho, espelho meu: um estudo sobre a (des)construção da
imagem corporal em estudantes universitários / Alexsandro
Rabaioli Nunes Ribeiro, Sônia Maria Rocha Sampaio, Dyane Brito
Reis Santos. -- Salvador, 2017.
92 f.

Orientadora: Sônia Maria Rocha Sampaio.
Coorientadora: Dyane Brito Reis Santos .
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos
Interdisciplinares Sobre a Universidade) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos, 2017.

1. Imagem corporal. 2. universitários. 3. corpo. I. Maria
Rocha Sampaio, Sônia. II. Brito Reis Santos, Dyane. I. Maria
Rocha Sampaio, Sônia. II. Brito Reis Santos , Dyane. III.
Título.

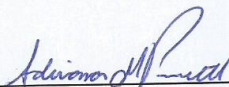
ALEXSANDRO RABAIOLI NUNES RIBEIRO

**ESPELHO, ESPELHO MEU: UM ESTUDO SOBRE A (DES)
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS**

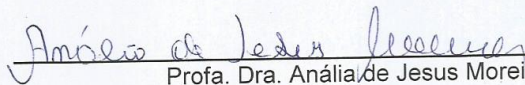
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 12 de junho de 2017.

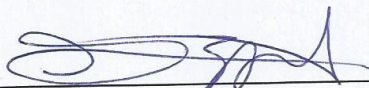
Banca examinadora



Profa. Dra. Adriana Miranda Pimentel



Profa. Dra. Anália de Jesus Moreira



Profa. Dra. Marcia Valeria Cozzani

“Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir, eu não cochilei, os mais belos montes escalei, nas noites escuras de frio chorei, a vida ensina e o tempo traz o tom pra nascer uma canção”
(Banda Cidade Negra).

AGRADECIMENTOS

Primeiro dedico esse trabalho a minha crença em Deus que me impulsionou a acreditar nos meus sonhos;

Aos diversos movimentos sociais que lutaram/lutam por uma educação de qualidade e acessível a todos, possibilitando-me usufruir de um direito que em outros tempos foram negados a classe trabalhadora do país, hoje possível, a partir das políticas de Acesso e Permanência no ensino Superior promulgadas principalmente a partir do Governo Lula;

A meu pai Juracy e minha mãe Ilone que às vezes mesmo sem saber a dimensão do significado que esse trabalho representa me incentivaram a buscar o melhor, deixando-me a vontade para fazer minhas escolhas; A minha irmã Franciele pelos questionamentos e diálogos acerca do esporte, do respeito às diferenças, além do apoio constante nas minhas atividades cotidianas. Amo vocês;

Aos meus amigos e colegas, vou arriscar citá-los: Rafael Souza, Daniel Cesar, Tássio do Nascimento, Roberto Rosa, Ronald Heig, Wellington Souza, Daniel Moraes, Tarcísio Silva, Alex Almeida, Lucas Queiroz, Jakson Souza, Danilo Oliveira, Reginaldo França, Alex Lopes, Tosta Neto e João Chaves e Antonio Marcos pelos momentos de prazer e alegria vividos juntos;

Aos meus Professores da Escola Municipal Monsenhor Antonio José de Almeida pelos primeiros ensinamentos e ajuda no processo de desenvolvimento;

Aos meus Professores da Escola Agrotécnica de Amargosa por acreditarem em meu potencial e me ensinarem a ser, acima de tudo, alguém melhor para os meus semelhantes;

Aos meus Professores da UFRB-CFP pelos esforços constantes e pela possibilidade de ter me proporcionado uma formação de excelência;

Aos meus Professores de Mestrado na UFBA pelos ensinamentos cotidianos;

À secretaria do PPGEISU pelo auxílio nos momentos de dúvida;

À Professora Dr^a Dyane Brito Reis, Orientadora desse trabalho, pelo apoio constante e por acreditar em meu potencial, além das ricas discussões voltadas para as questões étnico raciais e paciência nas correções da dissertação;

Aos participantes da pesquisa pela paciência e seriedade durante a realização das entrevistas em profundidade e preenchimento dos dados socioeconômicos;

A meu orientador de TCC, professor Dr. Alex Pinheiro Gordia pelas ricas discussões acerca da atividade física e saúde durante a graduação;

Ao Grupo de Pesquisa em Atividade Física, Antropometria, Saúde e Qualidade de vida. Ao Projeto de Extensão Atividades Físicas Adaptadas para crianças com deficiência. Ao Grupo de Estudos em Fisiologia do Futebol e Treinamento Esportivo pelos diversos aprendizados adquiridos ao longo da graduação;

Aos colegas do Grupo Pet Afirmação: Acesso e permanência de estudantes Oriundos de comunidades negras rurais no ensino Superior, no qual compartilhamos muitos momentos de aprendizado e ricas discussões sobre a temática;

Aos colegas do PPGEISU pelas trocas de conhecimento, pelos risos e estudo constante;

A banca de qualificação e dissertação composta pelas professoras Dr^a Adriana Miranda Pimentel e Dr^a Marcia Valéria Cozzani e a professora Dr^a Anália de

Jesus Moreira pela participação na banca de dissertação. A todas meu agradecimento pela importante contribuição no trabalho;

A Fundação de Amparo á Pesquisa do Estado da Bahia pelo auxílio que subsidiaram meus estudos e minha estadia em Salvador por mais de um ano;

A UFBA pelas diversas possibilidades de acesso ao conhecimento, Cultura e Lazer;

A equipe dos Merengues por ser meu prazer constante e uma das minhas paixões na vida;

A casa dos Ambevianos (Erik Almeida, Silas Talmon, Cristiano Souza, Mateus Cordeiro e Rodrigo Ramos) pelos risos, momentos de reflexão e acolhida.

RIBEIRO, Alexsandro Rabaioli Nunes. **Espelho, espelho meu: Um estudo sobre a (des)construção da imagem corporal em estudantes universitários**. 92 p. il. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

A imagem corporal (IC) parte da perspectiva das múltiplas óticas, processo em constante transformação, singular, indivisível e complexa, por refletir histórias de vida e trajetória de um corpo, estruturada numa relação intrínseca com as percepções existenciais no mundo a cada instante. A história das pessoas se confunde com a história de nossas experiências perceptivas, englobando aspectos fisiológicos, afetivos e sociais. Diante desse contexto, o objetivo dessa dissertação de mestrado foi compreender *como se constrói cotidianamente a (in) satisfação com a IC dos estudantes universitários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do Centro de Formação de Professores*. Para a realização desse estudo optou-se pela pesquisa na área das Ciências Sociais com enfoque na abordagem fenomenológica de cunho Etnometodológico, nesta perspectiva, busca se mostrar e esclarecer o que é dado, ou seja, de proporcionar uma descrição direta da experiência, tal como ela é. O objeto para o conhecimento nessa proposta metodológica não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito. Além disso, contribuições da entrevista compreensiva e em profundidade foram utilizadas, nessa perspectiva as análises necessitam de um estudo que leve em conta as concepções teóricas, a escuta dos atores da pesquisa e as impressões do pesquisador, formando uma tríade do conhecimento que dialogam entre si. O estudo foi composto por quatro estudantes (dois de cada gênero) dos cursos de graduação da respectiva universidade (Física, Pedagogia, Química e Educação Física). Os resultados apontam que a insatisfação com a IC é evidenciado nos estudantes desde a Educação Básica se prolongando até o Ensino Superior. Dentre as principais causas de constrangimento estão as críticas em relação às características físicas (orelha, cabelo, magreza e excesso de peso) e deve se observar que tal situação gera impactos negativos no desempenho acadêmico e na interação com os colegas, por outro lado, a satisfação com a IC ajuda no desempenho acadêmico e nas relações sociais. As brincadeiras de “mau gosto”, a discriminação e o racismo velado, atingem fortemente a auto-estima dos acadêmicos. Dois sentidos foram atribuídos pelos estudantes no que se refere à influência que a Universidade exerce/exerceu sobre a (in) satisfação com a IC. Para uns a Universidade não alterou a percepção da IC ao longo do percurso acadêmico, para outros, esta vivência universitária trouxe mudanças significativas em sua percepção da IC e neste cenário é criada uma Etnometodologia dos corpos. A todo instante, esses jovens discentes criam estratégias para se inserir na Universidade, serem aceitos e respeitados nas suas singularidades, apropriando-se de modos de ser e fazer intencionalizados, que o colocam na condição de atores sociais pensantes, reflexivos, críticos de suas realidades acadêmicas e de seus corpos.

Palavras-chave: Imagem corporal, universitários, corpo

RIBEIRO, Alexsandro Rabaioli Nunes. **Mirror, my mirror: a study on the (des) construction of body image in university students.** 92 p.il. 2017. Dissertation (Master in Interdisciplinary Studies on the University) - Institute of Humanities, Arts and Sciences, Federation University of Bahia, Salvador, 2017.

ABSTRACT

The body image (BI) is based on the perspective of the multiple optics, a process that is constantly changing, singular, indivisible and complex, reflecting the life and trajectory of a body, structured in an intrinsic relation with existential perceptions in the world at every moment. The history of people is confused with the history of our perceptive experiences, encompassing physiological, affective and social aspects. In view of this context, the objective of this master's dissertation was to understand how the (in) satisfaction with the (BI) of the university students of the Federal University of Recôncavo da Bahia from the Teacher Training Center is built on a daily basis. In order to carry out this study, we opted for research in the area of Social Sciences with a focus on the phenomenological approach of Etnomethodological, in this perspective, seeks to show and clarify what is given, that is, to provide a direct description of the experience, such as it is. The object for the knowledge in this methodological proposal is not the subject nor the world, but the world as it is lived by the subject. In addition, contributions from the comprehensive and in depth interview were used, in this perspective the analyzes need a study that takes into account the theoretical conceptions, the listener of the research actors and the impressions of the researcher, forming a triad of the knowledge that they dialogue with each other. The study was carried out by four students (two of each gender), two undergraduate courses in higher education (Physics, Pedagogy, Chemistry and Physical Education). The results indicate that the dissatisfaction with (BI) is evidenced in students from Basic Education extending to Higher Education. Among the main causes of embarrassment are the criticisms regarding physical characteristics (ear, hair, thinness and overweight) and it should be noted that this situation generates negative impacts on academic performance and interaction with colleagues, on the other hand, satisfaction with (BI) helps in academic performance and social relationships. The "bad taste" jokes, discrimination and veiled racism, strongly affect the self- esteem of academics. Two senses were attributed by the students regarding the influence that the University exerts / exerted on the (in) satisfaction with the (BI). For some people the University did not change the perception of (BI) along the academic course, for others this university experience brought significant changes in their perception of (BI) and in this scenario is created an Etnomethodology of the bodies. At all times, these young students create strategies to join the University, to be accepted and respected in their singularities by appropriating intentional ways of being and doing that put them in the condition of a social actor thinking, reflective, critical of their academic reality and bodies.

Keywords: Body image, university, (in) satisfaction.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

IC- Imagem Corporal

UFBA- Universidade Federal da Bahia

IMC- Índice de Massa Corporal

UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

PPGEISU- Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a
Universidade

CFP- Centro de Formação de Professores

QV- Qualidade de Vida

PS- Promoção da Saúde

FAPESB- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

PPGSAT- Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho

FMB- Faculdade de Medicina da Bahia

CECULT - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO: MOTIVAÇÕES PELA TEMÁTICA E PESQUISA</i>	
1. INTRODUÇÃO	17
2. METODOLOGIA.....	21
2.1 AS AVENTURAS DA PESQUISA	21
2.2 OLHAR INTERDISCIPLINAR DO PESQUISADOR.....	22
2.3 BASES TEÓRICAS: A ETNOMETODOLOGIA, A ENTREVISTA COMPREENSIVA E EM PROFUNDIDADE.....	23
2.4 O CAMPO DA PESQUISA	25
2.5 OS CAMINHOS TRAÇADOS.....	26
2.6 ANÁLISE DE DADOS: DESVENDANDO A (DES)CONSTRUÇÃO DA IC NA UNIVERSIDADE	28
2.7 CRITÉRIOS ÉTICOS DA PESQUISA	29
3. (DES)CONSTRUÇÃO DA IC DA ANTIGUIDADE AOS DIAS ATUAIS	31
3.1 (DES)CONSTRUÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA NA ATUALIDADE	35
4. ESTUDOS ACERCA DA (IN) SATISFAÇÃO COM A IC EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	41
5. OBSERVAR, ESCUTAR E DESCREVER OS ATORES DA PESQUISA.....	46
5.1 VALDIR.....	47
5.2 JUCI.....	48
5.3 MONICA.....	52
5.4 ROBERTO.....	54
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
6.1 (DES)CONSTRUÇÃO DA IC: VIVÊNCIAS COTIDIANAS DE CONSTRANGIMENTO AO CORPO DURANTE O PERCURSO FORMATIVO.....	57
6.2 (IN) SATISFAÇÃO COM A IC E SUA INFLUÊNCIA NA INTERAÇÃO E RENDIMENTO ACADÊMICO	68
6.3 A ETNOMETODOLOGIA DOS CORPOS	73
7. CONSIDERAÇÕES.....	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A.....	88
APÊNDICE B-	90
APÊNDICE C-	92
APÊNDICE D-	93

APRESENTAÇÃO: MOTIVAÇÕES PELA TEMÁTICA E PESQUISA

A realização desse trabalho na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (PPGEISU) na linha de pesquisa Qualidade de Vida (QV) e Promoção da Saúde (PS), deu-se em dois momentos. O primeiro diz respeito às bases teóricas que devem perpassar esse estudo e que considero importante para uma pesquisa sobre universidade. O segundo aponta as motivações pessoais e acadêmicas que nortearam a escolha dessa temática.

Ao trazer elementos essenciais da Promoção da Saúde, é necessário pontuar que existem duas dimensões estratégicas e indissociáveis. A primeira surge do viés conceitual, ou seja, a clareza dos princípios, premissas e a importância que sustentam o discurso, o outro aspecto se refere às práticas e estratégias para sua execução, ou seja, sua metodologia, sua concretude na prática cotidiana (CERQUEIRA 1997, *apud* SICOLI; NASCIMENTO, 2003). Em complementação ao conceito inicial, Candeias (1997) afirma que a PS parte de uma combinação de apoios educacionais e ambientais que visam promover ações e condições de vida relativas à saúde. Portanto, deve atingir diretamente os determinantes sociais de saúde, que estão relacionados ao local onde as pessoas vivem, trabalham, brincam e têm lazer. Por isso, pensar em saúde na sua concepção ampla, que esteja para além da ausência de doença, é essencial. De acordo a "Organização Mundial de Saúde" (OMS), a saúde é definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1998). Já a Qualidade de Vida está intrinsecamente relacionada aos vários aspectos que permeiam a vida, podendo representar felicidade, harmonia, saúde, prosperidade, uma boa morada, ganhar um salário digno, ter amor e família e poder conciliar lazer e trabalho (GORDIA et al., 2011).

Diante disso, compreender esses conceitos e fazer junção com a vida universitária é fundamental, pois o ensino superior em meio aos seus desafios provoca mudanças na trajetória de vida dos estudantes, causando impactos positivos e negativos sobre a saúde e pertencimento dos mesmos e interferindo na sua afiliação e na permanência simbólica e material (COULON, 2008; REIS, 2012).

Neste sentido, entendemos que pensar a PS e QV nas universidades torna-se essencial, pois esses locais também se constituem em espaços sociais estratégicos, por sua potencial contribuição à saúde de grupos populacionais específicos a elas relacionados, levando em conta a importância de um olhar direcionado para a concepção holística da PS, com impacto sobre a sociedade em geral” (MELO; MOYSES; MOYSES, 2010). Por isso:

Promover saúde, seja no âmbito acadêmico, seja nos serviços, implica proporcionar a população as condições necessárias para melhor exercer controle sobre sua saúde, envolvendo “paz, educação, moradia, alimentação, renda, um ecossistema saudável, justiça social e equidade” (MELO; MOYSES; MOYSES, 2010, p 685).

Dentro dessa discussão das universidades saudáveis e de espaços estratégicos para a PS, a academia abrange uma ampla diversidade étnica e social, portanto, as mudanças seriam sentidas a fundo, tanto na comunidade interna (professores, servidores e estudantes), quanto na externa, onde a comunidade em conexão e troca de saberes iriam ser beneficiadas e beneficiar o espaço universitário, reforçando a cidadania. Universidades Promotoras de Saúde integram o comprometimento com a sociedade, em seu amplo aspecto, nas políticas e práticas universitárias. Essa busca de intersectorialidade surge como essencial para o êxito das políticas públicas.

Diante disso, a escolha dessa linha de pesquisa justifica-se, pois, a universidade, dentre seus estruturantes de ensino, pesquisa e extensão podem contribuir para impulsionar conhecimentos advindos do saber científico, promovendo melhorias nas condições de vida e saúde das pessoas que ali trabalham, estudam, vivem e socializam (MELO; MOYSES; MOYSES, 2010). Na própria ementa do curso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), é discutida a importância de pesquisas nessa área, ao afirmar que os estudos devem impulsionar esforços:

Para a descrição dos modos de vida adotados pela comunidade universitária e suas dimensões ambientais e psicossociais, articulados à compreensão da qualidade de vida que deles resultam, são essenciais para explorar aspectos da cultura e subjetividade, no interior da vida universitária, de diferentes grupos de jovens e adultos, docentes, gestores, estudantes e pessoal técnico-administrativo (UFBA, 2017, p. 1).

Portanto, a opção política aqui exposta tem foco em uma PS e QV que compreenda o indivíduo nas suas singularidades e na relação com os determinantes sociais da saúde. Não se trata apenas do querer dos sujeitos, está para além de um estilo de vida saudável que possa promover saúde e QV. A discussão avança no sentido de compreender a grande influência que os determinantes sociais exercem sobre os sujeitos de diferentes classes, nesse caso, o espaço acadêmico e suas múltiplas relações construídas cotidianamente. Entender essa opção política é fundamental para nortear as bases que constituem esse trabalho, alicerce esse advindo das Ciências sociais e suas múltiplas contribuições nos estudos que se entrelaçam com a vida universitária, tendo como método primordial o exercício de escuta dos atores sociais envolvidos na pesquisa. Por isso, a opção pelos estudos com viés etnometodológico que sejam capazes de “dar voz aos sujeitos” (GIL, 2008, p.14; OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012; RIVERO, 1995).

Entendemos como fundamental compreender as estratégias de PS e de busca de satisfação com a imagem corporal (IC), partindo da premissa que as pesquisas de PS na população universitária, devem de fato ouvir os investigados, entendendo-os nos seus múltiplos aspectos, sejam eles biológicos ou da construção social e cultural. Aqui, em particular, faz-se importante também entender a dinâmica de vida dos sujeitos no ensino superior, pois os estudantes nas suas pluralidades locais, de personalidade, mudança de vida, afastamento da família e do ciclo de amizade, além do estranhamento e desafios que o ensino superior apresenta, altera toda uma rota de vida, podendo impactar na relação do discente com a sua IC.

Ainda no âmbito da apresentação, peço uma *licença acadêmica* para dizer qual o meu “lugar de fala”. É importante mencionar que o meu ingresso no PPGEISU foi possível a partir de minha inserção em dois grupos de Pesquisa durante a graduação em Educação Física, no Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O primeiro intitulado Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Física, Antropometria, Saúde e Qualidade de Vida em Universitários, coordenado pelo Professor Dr Alex Pinheiro Gordia do curso de Licenciatura em Educação Física, o segundo intitulado Programa de Educação Tutorial – PET Afirmação: Acesso e permanência de estudantes de comunidades negras e rurais no ensino superior, coordenado pela Professora Dr^a Dyane Brito Reis Santos. Ambos os grupos discutem a vida universitária. O primeiro grupo foca nas

discussões das múltiplas variáveis de saúde na universidade, como a qualidade de vida, atividade física, qualidade do sono, estilo de vida e percepção da IC. Tais discussões possibilitaram-me aprofundar na leitura sobre a (des)construção da IC em estudantes universitários ao longo dos quatro anos de graduação. O segundo grupo buscava dar conta de aspectos relacionados às questões étnico raciais, com foco na permanência material e simbólica de estudantes no ensino superior. O Programa PET Afirmação é pautado em três momentos indissociáveis, formação acadêmica e sociopolítica, pesquisas sobre permanência no ensino superior e ação comunidade-universidade.

Os quatro anos de graduação em que estive inserido nesses dois grupos me possibilitaram adquirir um arcabouço de conhecimentos do mundo universitário, acompanhando de perto como os acadêmicos se relacionavam com a permanência, nos seus múltiplos aspectos. Tais discussões me impulsionam a continuar a investigação no âmbito da Pós-Graduação.

No âmbito da Pós-Graduação, tive contato com vários componentes formativos, dos quais dois foram cruciais para a decisão de continuar produzindo conhecimento nessa área do saber. O primeiro, intitulado Qualidade de Vida e Promoção da Saúde na Universidade, ministrado pela professora Dr^a Maria Caputo, trouxe-me uma visão potencializadora de saúde, além de apontar a importância da capacitação e empoderamento da comunidade acadêmica e da sociedade em geral. As discussões críticas por meio dos textos e das trocas de conhecimento em sala apontaram a necessidade de reflexão constante na reformulação das políticas públicas que sejam capazes de proporcionar equidade, qualidade de vida e promoção da saúde.

O segundo componente, Universidade e Interdisciplinaridade: Experiências Formativas de Produção de Conhecimento, ministrado pela professora Dr^a Maria Thereza Ávila, me possibilitou ter uma visão mais abrangente de meu objeto de estudo e abriu horizontes para o diálogo com outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e a Saúde coletiva, enriquecendo meu trabalho e trazendo uma maior completude ao construto IC.

Diante desse percurso formativo repleto de circularidade e aprendizados dialogados, reitero o comprometimento político desse trabalho desde o percurso

inicial, contribuindo com conhecimentos acerca da vida estudantil, principalmente nas discussões de corpo e (des)construção da IC.

1.INTRODUÇÃO

A Imagem Corporal (IC) se associa à auto descrição mais ampla do indivíduo, incluindo aspectos comportamentais, cognitivos e afetivos, bem como à subjetividade que está interligada com as sensações corporais. Esses fatores ocorrem devido ao contato do sujeito com o mundo externo, além da constante relação que se estabelece no interesse pelo próprio corpo e pelo corpo do outro (SILVA;VENDRAMINI, 2005; PELEGRINI; PETROSKI, 2010). Neste aspecto, a IC apresenta-se como um indicador relevante na vida do indivíduo. Sendo também conceituada como a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós, é a representação mental, a identidade corpórea das experiências vivenciadas ao longo da vida. “O corpo possui memória, história e identidade. É a representação dessa identidade corporal que se conceitua de IC” (TAVARES, 2003, p. 27).

Por refletir histórias de vida e trajetória de um corpo, estruturada numa relação intrínseca com as percepções existenciais no mundo a cada instante, conceituar a IC é compreender a integralidade do sujeito e a ligação dos múltiplos aspectos que permeiam a vida, sejam eles, sociais, biológicos e psicológicos. Além disso, as experiências vivenciadas ao longo da história de vida dos indivíduos influenciam na construção positiva ou negativa da IC. Outro fator importante a ser observado aponta a relação indissociável entre Corpo e IC. Nesse trabalho entende-se por corpo um construto em constante processo de transformação e de reflexão:

Nessa discussão de Corpo precisa-se entender desde já que nós não temos um corpo; antes, nós somos o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento e do seu movimento (MARTINELLI; MILESKI, 2012 apud MEDINA, 1983, p. 12).

Diante disso, este trabalho parte do entendimento de que só podemos estudar o corpo se o observarmos de forma integral, global e alicerçado na sua construção ligada ao momento da sociedade atual. Entendê-lo como sujeito e como totalidade é um dos grandes desafios que as ciências humanas e sociais nos impõem (LÜDORF, 2003). Portanto, nessa relação o corpo é indissociável da IC, por isso, no decorrer desse trabalho, esses dois conceitos e objetos de pesquisa caminharão lado a lado,

ao abordarmos um dos aspectos os dois estarão interligados e interagindo no conhecimento construído sobre a temática.

Na atualidade, observamos que na discussão sobre corpo e IC entra o debate sobre padrões de beleza, criando um inter jogo constante entre a energia pulsional e a pressão de ordem social, os anseios e desejos em determinados momentos são evitados por uma construção social comportamental. Diante disso, somos pressionados a concretizar em nosso corpo, um padrão ideal disseminado em nossa cultura. “Essa busca desenfreada por um padrão de beleza distancia os indivíduos do contato interno, perdendo a conexão com o corpo real, gerando insatisfação com a IC” (TAVARES, 2003, p. 17).

Além disso, aspectos do mundo social, segundo Adams (1977), discriminam os indivíduos tidos como não atraentes, causando mais dificuldades para se inserir e criar relações saudáveis com outros setores da sociedade. Já as pessoas consideradas atraentes, sentem-se mais aceitas, encorajadas a vivenciar experiências e se relacionar com o meio ao seu redor, criando uma imagem mais positiva de si mesma. Em concordância Kanno et al. (2008) afirmam, que por conta da inserção do indivíduo no meio social, ele é pressionado a se enquadrar no padrão corporal mais aceitável, influenciado pela indústria midiática de beleza, essa relação pode causar sentimento de orgulho ou vergonha que definirão a relação do sujeito com seu corpo.

A IC, por ser um construto essencial na vida dos sujeitos, traz em uma de suas problemáticas atuais essa busca desenfreada por um padrão de beleza. A partir daí, surgem os diversos procedimentos estéticos. “Não é por acaso que o Brasil vigora na terceira colocação em número de cirurgias plásticas, atrás apenas dos Estados Unidos e México” (NETO; CAPONI, 2007, p. 106). Esse fator econômico da beleza é uma das forças motrizes do consumo que move a sociedade. Portanto, “a preocupação com a aparência física passa por um espectro que vai da completa submissão a um padrão de beleza superdeterminado até a uma forma de se auto-afirmar culturalmente e de criar identidade”. Além do mais, a medicina da beleza, a fim de legitimar sua atuação, traz no seu discurso a garantia de benefícios psicológicos, como a melhora da auto-estima e da qualidade de vida (NETO; CAPONI, 2007, p. 106-109).

Os estudantes universitários não passam incólumes a esta situação e também sofrem essa influência sociocultural, acarretando em um impacto significativo na (des)construção negativa acerca da IC durante o percurso acadêmico. O conceito de (des)construção surge para enfatizar que a IC é modificada, transformada, sendo que para haver construção devem-se desconstruir as percepções do corpo. Nessa perspectiva, a história de vida do ator social com seu corpo se faz do modo descontínuo e acíclico. Esse entendimento faz-se necessário para discussões em outros momentos desse estudo.

Diante desse contexto, compreender os altos índices de insatisfação com a IC em estudantes universitários apresenta justificativas extremamente viáveis para realização dessa pesquisa, nesse processo formativo, inquietações com o corpo surgem a todo instante e entendê-las é fundamental para a abertura de novos conhecimentos sobre a temática. É importante explicitar que os principais estudos acerca da percepção da IC em estudantes universitários apontam níveis altos de insatisfação com a IC, essa relação conflituosa com o corpo durante o processo formativo carece de aprofundamentos, eis que esse estudo buscou desvelar essa (des)construção no cotidiano acadêmico.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho de investigação foi compreender como se (des)constrói cotidianamente a (in)satisfação com a IC dos estudantes da UFRB/CFP.

Além disso, buscou-se:

- a) Identificar quais situações constrangedoras os estudantes experimentaram, em relação a seu corpo, no decorrer do curso;
- b) Compreender a importância da universidade no processo de (des) construção da IC e aceitação do corpo;
- c) Investigar se a percepção da IC dos universitários influenciou/a de forma positiva ou negativa no rendimento acadêmico e na interação com os colegas.

A presente Dissertação de Mestrado foi organizada a partir da seguinte estrutura: **2. Metodologia:** aqui as discussões apontam o percurso da pesquisa, desde a escolha do campo, os instrumentos e procedimentos adotados, o direcionamento interdisciplinar, como se deu as análises de dados e as definições éticas, além de trazer à tona a importância do alicerce teórico, buscou-se a base na etnometodologia, na entrevista compreensiva e em profundidade, entendendo o ator

social como autor protagonista de sua história e que cria suas formas de ser/estar na universidade, vendo-o como um corpo pensante, reflexivo e crítico de sua realidade

3. (Des)Construção da IC: da antiguidade aos dias atuais: aqui, é traçado um percurso histórico acerca da (des)construção do corpo e da IC, buscando desde a antiguidade explicar como as mudanças foram ocorrendo nos diferentes períodos históricos, passando pela Grécia, Roma, Idade Média, Renascimento, Revolução Industrial, culminando na modernidade. Nesse capítulo ainda é apresentado o início dos estudos acerca da temática e seus principais estudiosos. Além disso, aponta-se como vem se construindo a relação do corpo com os interesses mercadológicos, além de problematizar possíveis caminhos para desconstruir essa visão.

4. Estudos acerca da (in)satisfação com a IC em estudantes universitários: esse capítulo traz os principais estudos acerca da (in)satisfação com a IC em estudantes universitários e suas diversas nuances na atualidade.

5. Observar, Escutar e Descrever os atores da pesquisa. Aqui é feita, uma descrição etnometodológica das impressões das entrevistas em relação à fala dos estudantes universitários acerca da (des)construção da IC no cotidiano.

6. Resultados e Discussão: apresentação dos principais achados do estudo, subdividido em cinco tópicos de discussão, sendo eles:

6.1 (Des)construção da IC: Vivências cotidianas de constrangimento ao corpo durante o percurso formativo: abordando o quanto a insatisfação é presente ao longo do processo de formação do estudante, delineando quais situações constrangedoras os estudantes experimentaram em relação ao seu corpo no decorrer da sua presença no ensino superior.

6.2 (In)satisfação com a IC e sua influência na interação e rendimento acadêmico: vem discutir como a percepção da IC influencia na convivência com os colegas e no rendimento acadêmico, além de discutir a “brincadeira” como forma séria e intencional de atingir o outro, de inferiorizar e de estigmatizar.

6.3 A etnometodologia dos corpos: com o foco de explicitar como os estudantes burlam o sistema hegemônico, como demonstram as formas e estratégias do viver diário, evidenciando nas ações cotidianas que não são idiotas culturais, mas intencionais nas relações com o outro.

7. Considerações: aqui são retomadas as discussões iniciais do estudo acerca dos altos índices de insatisfação com a IC em estudantes universitários e apontamentos de possíveis caminhos para a mudança dessa situação conjuntural vivida atualmente.

2.METODOLOGIA

2.1 AS AVENTURAS DA PESQUISA

Pesquisar é um ato de coragem e determinação, pois requer constantemente disciplina, organização, reflexão e comprometimento. Kaufmann (2013) faz uma analogia da pesquisa a uma investigação policial, da mesma forma a investigação científica deve encontrar indícios, confrontar informações, imaginar motivos, recolher provas. Essa discussão comunga com a reflexão feita pela professora Dr^a Georgina Gonçalves dos Santos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em uma das suas falas durante o III Colóquio Internacional do Observatório da Vida Estudantil, realizado na Universidade Federal da Bahia. Ela apontava que, ao pesquisar, devemos ser “grandes mergulhadores” que não se contentam com pequenas profundidades, que desejam ir o mais profundo nos oceanos para encontrar o que não se vê na superfície. Assim é a aventura da pesquisa, necessidade de aprofundamento, não sermos rasos em nossas convicções, mas astutos e encorajados a olhar e “ver o que os olhos não dizem”¹.

Portanto, nessas aventuras do ser pesquisador e do conhecimento investigativo nos estudos qualitativos, estamos há dois anos buscando respostas para as dúvidas do trabalho anterior (Trabalho de Conclusão de Curso), a fim de comprovar mistérios já desvendados e buscar novas descobertas sobre o corpo e o processo de (des)construção da IC. Esse ato ao mesmo tempo flexível e rigoroso, atento e imerso no objeto que se investiga é essencial.

Diante disso, Bauer e Gaskell (2011) fazem uma analogia da investigação científica a um jogo de futebol, e apontam a necessidade dos pesquisadores serem mais que meros expectadores que agem pela emoção e pela paixão ao futebol. Do mesmo modo, devemos estar atentos ao que se produz em nosso campo de estudo e tratarmos nosso objeto investigativo com uma paixão que observa para além do que aparenta ser, ou seja, uma aproximação que não naturalize o objeto, assim

¹ Ao mencionar a fala da professora Dr^a Georgina Gonçalves dos Santos, me refiro ao evento intitulado III Colóquio Internacional do Observatório da Vida Estudantil: avaliação do Ensino pelo estudante e qualidade no ensino superior, realizado na cidade de Salvador-BA, entre os dias doze a quatorze de agosto de dois mil e quinze.

como naturalizamos assistir um jogo de futebol. Nessa problemática os autores nos apontam justamente que uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados:

A investigação da ação empírica exige, a observação sistemática dos acontecimentos, inferir os sentidos desses acontecimentos das auto observações dos atores e dos telespectadores, exige técnicas de entrevista e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores, exige uma análise sistemática (BAUER; GASKELL, 2011, p. 18).

Diante desse percurso cíclico e repleto de desafios, vos convido a mergulhar na leitura desse trabalho.

2.2 OLHAR INTERDISCIPLINAR DO PESQUISADOR

Ao discutir padrões de beleza na atualidade e seu impacto nas universidades, optou-se por uma abordagem interdisciplinar para esse trabalho, utilizando como concepção, o conceito de Policompetência do pesquisador, no qual Morin (2003), afirma que, intelectualmente, as disciplinas são plenamente justificáveis, desde que preservem um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades. E mais, só serão plenamente justificáveis se não ocultarem realidades globais. Esse trabalho está de acordo com essa concepção, pois o campo temático chave dessa discussão nos remete principalmente à área da saúde, em específico, discussões de Corpo e Estética, área de domínio da Educação Física, dialogando com outras vertentes do conhecimento, como as Ciências Sociais, além de elementos da Saúde Coletiva com as discussões de Promoção da Saúde na universidade, ou seja, um pesquisar que deva compreender a importância do diálogo e da troca entre diferentes áreas do saber.

Além disso, Alvarenga et al. (2011) apresentam que os fenômenos complexos devem ser estudados de maneira ampla ou em sua integralidade. Recursos utilizados por pesquisadores solitários, com formação centrada de maneira exclusiva nas disciplinas específicas e muitas vezes com um único viés teórico metodológico, não dão conta de aprofundamento das pesquisas interdisciplinares. “Somente uma visão crítica a respeito do processo de produção do conhecimento disciplinar,

permitirá uma abertura para se transpassar barreiras e propiciar encontros e cruzamentos fertilizadores” (ALVARENGA et al., 2011, p. 64). Portanto, a opção nesse momento parte dessa concepção epistemológica de analisar os objetos corpo e IC pelas lentes da interdisciplinaridade.

2.3 BASES TEÓRICAS: A ETNOMETODOLOGIA, A ENTREVISTA COMPREENSIVA E EM PROFUNDIDADE

Para a realização desse estudo optou-se pela pesquisa na área das Ciências Sociais com enfoque na abordagem fenomenológica de cunho Etnometodológico, pois, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado, ou seja, de proporcionar uma descrição direta da experiência, tal como ela é. O objeto para o conhecimento nessa proposta metodológica não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito (GIL, 2008, p.14). Portanto, existe um peso de subjetividade na interpretação dos dados, pois o pesquisador não passa despercebido, o mesmo carrega suas concepções e história de vida que determinará escolhas metodológicas no processo de investigação.

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas. Assim, a pesquisa desenvolvida com esse objetivo procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa. (GIL, 2008, p.14). Além disso, “ao estudar a realidade, o pesquisador inspirado na fenomenologia procura ir às coisas, analisar contextual e interpretativamente, sendo a ênfase no olhar e não em pré-julgamentos da realidade”

A Etnometodologia é uma pesquisa empírica, perpassa os métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar suas ações de todos os dias, comunicar-se, tomar decisões, raciocinar, dentro das atividades cotidianas, sejam elas triviais ou eruditas. (RIVERO, 1995).

Pode-se dizer então que a Etnometodologia é o estudo científico das formas de fazer comuns que os indivíduos utilizam para bem fazer suas ações cotidianas. Essa corrente entende que os atores envolvidos não são ingênuos, inocentes em suas colocações e opiniões, mas existe uma fala direcionada aquela circunstância em que o sujeito organiza sua ação e reflexão. Sua meta é descobrir detalhes das particularidades das formas de fazer. (RIVERO, 1995). Por isso, a escolha de tais

orientações metodológicas é sustentada pela ideia de que os fenômenos sociais quando analisados à luz da Etnometodologia e do Interacionismo Simbólico nos permite apreender acontecimentos que escapam a maneira tradicional de fazer pesquisa, possibilitando-nos investigar o sentido que os atores dão as situações que estão enfrentando.

No entanto, apesar dessa corrente do conhecimento optar por uma abordagem microssocial dos fenômenos, a Etnometodologia não os desvincula de seus contextos ampliados, entendendo que o problema estudado é um fenômeno complexo no qual entra em jogo um grande número de parâmetros habitualmente situados no nível macro (COULON, 1993). Por isso, essa concepção de pesquisa com enfoque qualitativo nos permite como afirma Sampaio (2011, p.20) uma relação de “imersão no campo, por sua leveza e pelo *face a face* com os atores sociais. Nessa perspectiva de imersão o pesquisador observa *de dentro pra fora e de fora pra dentro*, permitindo uma compreensão mais detalhada do fazer cotidiano”, em específico nessa pesquisa, a relação do ator social com seu corpo e com o corpo do outro na formação/vivência universitária. Essa corrente do conhecimento surge nesse estudo como aporte, auxiliando no entendimento de que o participante da pesquisa não é um “idiota cultural”, mas, ao confrontar sua história com a do pesquisador existe uma interação, uma aproximação, uma intencionalidade sociológica. Portanto, nesse processo com o outro o estudante não apenas é influenciado, mas influencia, as informações construídas na universidade e os reflexos midiáticos do corpo são percebidos, não de forma passiva, mas refletindo e criando estratégias para sobressair-se perante as imposições que são feitas na busca de um corpo “perfeito”. Esse conceito evidencia a visão crítica e intencional que os discentes apresentam nos seus percursos formativos.

Além da Etnometodologia, foram incorporadas nesse estudo as contribuições de Kaufmann (2013) que aponta a Entrevista compreensiva como parte dessa concepção de relacionamento entre o entrevistador e seus entrevistados e a capacidade de penetração do cientista no universo temático, existencial e cognitivo dos atores sociais que estuda.

Esse método de pesquisa compreende a necessidade de uma troca de conhecimentos entre a teoria, o membro social e as impressões do pesquisador, tríade essa que apresenta uma consistência na afirmação de teorias já existentes e

na construção de novas teorias sociais, no caso desse estudo voltado para o corpo e (des)construção da IC.

Outra corrente que auxiliou na elaboração desse trabalho advém da entrevista em profundidade, das discussões de Bauer e Gaskell (2011), que afirmam existir no processo de pesquisa um olhar de quem observa, este, repleto de experiências, concepções de vida e do ato de pesquisar. A entrevista em profundidade é um método de coleta de dados amplamente empregado, pois fornece “resultados básicos para o desenvolvimento e compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos” (BAUER E GASKELL, 2011, p.65). A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Entende-se a necessidade de usar esse método, pois a entrevista em profundidade possibilita explorar em detalhes o mundo da vida do indivíduo, bem como adentrar em questões que se referem à experiência pessoal acerca da vivência com seu corpo e a construção de sua IC. Sob esta ótica o pesquisador fala de um lugar, este lugar do profissional de Educação Física que recebeu várias influências epistemológicas durante o processo de formação. Portanto, meu olhar será direcionado para essas lentes, objetivando ser ético, coerente e sensível.

2.4 O CAMPO DA PESQUISA

Dentro dessa proposta de expansão de vagas nas universidades federais já existentes e da criação de novas, a UFRB surge com sua sede situada na cidade de Cruz das Almas, criada pela lei 11.151 de 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como resultado de uma ampla mobilização da comunidade regional.

A primeira universidade federal no interior do Estado era uma reivindicação antiga de diversos setores da sociedade. A nova instituição representa um marco para o ensino superior na Bahia. Surgiu com o compromisso de ofertar ensino superior de qualidade e exercer sua responsabilidade social de democratizar a educação, repartir socialmente seus benefícios, de forma a contribuir para o “desenvolvimento sustentável, cultural, artístico, científico, tecnológico e socioeconômico do país. Além de auxiliar na articulação entre o saber científico e a complexa realidade do Recôncavo” (UFRB, 2010, p. 49-56).

Na busca de atender esses desafios, esta universidade possui uma estrutura multicampi, sendo que seus campi estão organizados por centros de ensino em diferentes municípios do Recôncavo. Na sede em Cruz das Almas fica o Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET). Os outros centros são: Centro de Artes, Humanidades e Letras em Cachoeira (CHAL), Centro de Ciências da Saúde (CCS), em Santo Antonio de Jesus, Centro de Formação de Professores (CFP), em Amargosa e mais recente a criação de outros dois centros, sendo eles o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), em Santo Amaro e Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), em Feira de Santana. Além de contar com cursos de Especialização, Mestrado Acadêmico e profissional e Doutorado (UFRB, 2016).

Dentro dessa organização, destaca-se o CFP, situado no município de Amargosa-BA, localizado na mesorregião do Centro-Sul, lugar de uma beleza exuberante e aconchegante. Esse foi o espaço de realização da pesquisa e que abrange oito cursos de licenciatura, sendo eles, Educação do Campo, Educação Física, Filosofia, Física, Química, Letras, Matemática e Pedagogia, além do curso de Mestrado Profissional em Educação do Campo (UFRB, 2016).

2.5 OS CAMINHOS TRAÇADOS

Para execução desse trabalho foram realizadas coletas de informações sociodemográficas, utilizando um questionário estruturado, contendo perguntas relacionadas à idade, estado civil, renda per capita, escolaridade da mãe e pai, auto-declaração de cor/raça. Em seguida, foi realizada uma entrevista em profundidade com os participantes da pesquisa de forma individual, nesse tópico guia continha questões que dessem conta de responder aos objetivos da pesquisa.

. Além disso, foi utilizado um diário de anotações/campo antes e durante a realização do estudo, afim de melhor compreender o fenômeno da IC naquele contexto acadêmico (BAUER e GASKELL, 2011; CHASSOT, 2005). Esse material continha questões referentes às impressões do pesquisador em relação ao espaço da entrevista, olhares, gestos e ações que estão nas entrelinhas do diálogo, como

pausas na fala, nervosismo, incômodo e vergonha dos atores sociais. Após cada entrevista, essas informações eram escritas no diário e serviram de suporte para realização desse estudo.

Participaram da pesquisa quatro estudantes dos cursos de graduação do CFP-UFRB, sendo dois estudantes do gênero masculino e outras duas do feminino, dos cursos de Educação Física, Física, Pedagogia e Química. Para a realização da coleta de dados, utilizou-se como critério de seleção estudantes que estavam entre o terceiro (3º) e décimo (10º) semestre. Além disso, outros aspectos foram considerados, dentre eles, gênero, idade, autodeclaração de cor/raça, área de atuação (Ciências Humanas e Exatas) e segmentação geográfica (rural/urbano).

A escolha dos sujeitos em três diferentes períodos da graduação deu-se a partir do entendimento de que os percursos são distintos, repletos de peculiaridades nos diferentes períodos da graduação. Segundo Coulon (2008), três momentos caracterizam o percurso da graduação: 1) momento ou tempo do estranhamento, onde o estudante se depara com diferentes experiências, nesse processo ele se sente perdido, desconectado com sua realidade; 2) momento em que o estudante passa a adquirir o aprendizado necessário para interagir com aquele espaço e construir relações de convivência articuladas, conhecer o território, entender o funcionamento da vida acadêmica e se sobressair das dificuldades que advenham; e 3) momento no qual o universitário já está afiliado, ou seja, adaptado, inteiramente conhecedor dos espaços e mecanismos de negociações e independência. No entanto, essa afiliação não é estática, mas se modifica a cada nova experiência e necessidade de resolução de problemas do estudante, ela não se dá de forma perene. Esses fatores que permeiam a construção da IC estão presentes nesses três momentos de afiliação no ensino superior.

Como estratégia de convite a participação dos estudantes no estudo, foi exposto no mural da universidade uma nota convidando-os. Neste documento constavam informações básicas dos objetivos do estudo, metodologia, possíveis riscos, e-mail e telefone para contato. Outra estratégia utilizada foi a publicação da chamada aos voluntários nas redes sociais (Facebook, com informações iguais a do exposto no mural do CFP). Após os entrevistados terem manifestado o interesse em participar via contato por celular e email, foi agendado a data, o dia, horário e melhor local para realização da entrevista em profundidade. No total surgiram seis

estudantes para o estudo, no entanto, quatro se enquadravam nos critérios pré determinados, os dois que não participaram (Matemática e Química) estavam cursando semestres inferiores ao terceiro.

Antes da realização do estudo, o pesquisador responsável fez a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, após o esclarecimento das possíveis dúvidas, os participantes da pesquisa assinaram os documentos necessários; a partir daí, deu-se início as coletas. A pesquisa foi realizada em uma única etapa de coleta, em sala e espaço isolado, respeitando a confidencialidade do investigado. As entrevistas foram gravadas na íntegra.

2.6 ANÁLISE DE DADOS: DESVENDANDO A (DES)CONSTRUÇÃO DA IC NA UNIVERSIDADE

Inicialmente, foram tabulados os dados referentes ao questionário sociodemográfico em uma tabela do programa Word, do sistema Microsoft, a fim de sistematizar as informações gerais dos investigados.

Para análise de dados, a corrente Etnometodológica foi utilizada com o objetivo de reiterar que o universitário não é um “idiota cultural” como explicitado anteriormente. Outro fator importante nesse processo mostra que essa relação entre pesquisador e participante da pesquisa não é vertical, mas passiva de interação, nesse processo, o pesquisador e os estudantes exercem uma relação de proximidade e de intencionalidade. Diante disso, a Etnometodologia aponta conceitos importantes para entender o estudante como ator social e que trouxeram contribuições para esse trabalho:

“A reflexividade que designa, portanto, as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. A accountability que dentro dos estudos Etnometodológicos analisam as atividades cotidianas dos membros como também dos métodos que fazem essas atividades visivelmente racionais e relatáveis a todos os fins práticos, isto é, descritíveis, enquanto organização ordinária das atividades de todos os dias. Dizer que o mundo social é accountability significa que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável. Essa analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos sujeitos (COULON, 1995, p. 41-48).

Além disso, buscou-se nas contribuições de Kaufmann (2013), por meio da entrevista compreensiva, a articulação entre a teoria, levando em conta os

conhecimentos produzidos em relação a IC, a fala dos participantes da pesquisa que consideram a história de vida dos estudantes e sua relação com o processo de (des) construção da IC e impressões do pesquisador que são baseadas na junção entre a produção teórica e suas experiências enquanto estudioso. Portanto, esse estudo foi alicerçado por meio dessa tríade de articulação de conhecimentos. Em complemento, foi utilizada a concepção da entrevista em profundidade que visou ir nas entrelinhas, observar, e sentir o que não foi dito pelos estudantes (BAUER;GASKELL, 2011). Para realização da entrevista em profundidade, os passos foram delineados a partir de uma sistematização pré definida, sendo eles: organização do tópico guia, contendo questões que nortearam a pesquisa, seleção dos entrevistados de acordo critérios pré-definidos e transcrição e análise do corpus do texto de acordo os objetivos pré definidos e outras problemáticas levantadas pelos participantes da pesquisa (BAUER;GASKELL, 2011).

Nesse processo, as informações adicionais de campo e as impressões do lócus foram colhidas por meio das contribuições dos diários de campo, entendendo esse processo como todas as anotações feitas durante as entrevistas, as informações que escapam ao olhar comum, detalhes do ambiente, das peculiaridades do local, das pausas nas entrevistas, dos bastidores, das informalidades, mas que fazem parte do enriquecimento da pesquisa (CHASSOT, 2005). Essas anotações foram anexadas junto à transcrição da fala dos entrevistados, servindo de auxílio no momento da análise dos dados.

2.7 CRITÉRIOS ÉTICOS DA PESQUISA

O presente estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Escola de Enfermagem da UFBA, através da Plataforma Brasil, conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo foi aprovado com o número de protocolo 5531 e parecer nº 1.904.328. Destaca-se que somente os universitários que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram elegíveis e participaram da pesquisa. Os participantes tiveram seu anonimato garantido, sendo que apenas os pesquisadores responsáveis obtiveram acesso ao nome dos

indivíduos estudados. Nomes fictícios foram criados assegurando a confidencialidade das informações.

Participaram da pesquisa estudantes matriculados entre o terceiro e décimo semestre dos cursos da UFRB/CFP, segundo informações do Núcleo Acadêmico da referida Universidade. Estudantes que não estavam com a matrícula ativa foram excluídos da coleta. Só participaram da pesquisa os universitários que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Entendemos que ao falar sobre a percepção da sua própria imagem, o indivíduo se desnuda, visita seus sentimentos, muitas vezes escondidos e isso pode causar desconforto, ansiedade, angústia e constrangimento, afinal, trata-se de um compartilhar de informações pessoais ou confidenciais relacionadas às suas experiências com o corpo. Fomos sensíveis a isto e buscamos minimizar os possíveis desconfortos do processo. Portanto, buscamos explicar cada passo, contribuir na leitura do TCLE na íntegra, esclarecendo todas as dúvidas. Além disso, quando o participante da pesquisa manifestou algum incômodo, a entrevista foi interrompida e retomada posteriormente. A todo momento, buscamos respeitar a fala dos nossos entrevistados, a fim de que o mesmo expressasse sentimentos, emoções e opiniões sem ser constrangido. De um modo geral, a máxima dessa pesquisa foi a prevalência da relação ética entre pesquisador e pesquisado.

3. (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL: DA ANTIGUIDADE AOS DIAS ATUAIS

Retomando aqui o conceito de (des)construção, fica evidente a necessidade de compreender que a IC nesse trabalho aponta para a valorização do desconstruir para construir, essa concepção é uma forma de viver na contramão da visão hegemônica de corpo que delimita, aprisiona e estereotipa modos de ser e estar no mundo, pois para que o ator social encontre o equilíbrio e satisfação corporal precisa refletir e reorganizar pensamentos e concepções sobre si mesmo e sobre o outro, nesse movimento histórico constante a busca pelo prazer faz-se necessária.

No Mito de Narciso fica evidente a preocupação com a (des)construção da IC desde a antiguidade. No trecho abaixo, o belo, atraente, cobiçado corpo e suas “perfeições” faziam parte do contexto daquele povo:

Havia, não muito longe dali, uma fonte clara, de águas como prata. Os pastores não levavam para lá seu rebanho, nem cabras ou qualquer outro animal a freqüentava. Não era tampouco enfeada por folhas ou por galhos caídos de árvores. Era linda, cercada de uma relva viçosa, e abrigada do sol por rochedos que a cercavam. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Narciso debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. "Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!", disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar. Não podia mais se conter. Baixou o rosto para beijar o ser, e enfiou os braços na fonte para abraçá-lo. Porém, ao contato de seus braços com a água da fonte, o ser sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes. Porque me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam, e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris, e responde com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato. Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou: - Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixe-me pelo menos admirar-te. Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu. (MITO DE NARCISO: A FONTE DA VAIDADE, 2017, p. 1-2).

Diante disso, Ubinha (2003) aponta que desde a Grécia antiga já se valorizava a IC. Pode-se observar esse culto ao corpo de forma latente no mito de Narciso que apresenta a história de um “jovem belo” que a todo instante admirava

sua própria imagem refletida num lago, demonstrando a preocupação que os gregos tinham com a aparência. Nesse período era nítida a valorização que se dava a manutenção de corpos esbeltos e torneados. Esses costumes representavam a necessidade de seguir padrões impostos pelas influências mitológicas e sociais daquela época. As atividades físicas, constituídas através das olimpíadas, claramente influenciavam o modo de viver daqueles sujeitos, pautando suas relações na aparência. Todas essas formas de manutenção das relações interpessoais estavam interligadas ao objetivo de conseguir a obtenção da glória individual.

No entanto, na Idade Média, esse livre arbítrio de expressar os sentimentos através das atividades corporais não se constituía mais um ato de liberdade e obtenção da glória individual, sendo influenciado pela igreja, onde valorizar o corpo era considerado pecaminoso, abominável. Esse modo de viver foi fortemente enraizado nos indivíduos, pois o corpo, que antes era tido como belo e atraente, agora deveria ser colocado de lado, o ato de ter vaidade era considerado diabólico (SCHMIDT, 2001, p. 20-34). Esse sistema perpassou todo esse período, por isso a Idade Média foi uma época em que a IC foi mais desvalorizada. “Imagem do corpo está, igualmente cheia de sentido, que é a imagem do ser humano pecador” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2010, p. 20). Diante desse contexto cultural, a expressão corporal e os desejos ficavam em segundo plano, a ordem religiosa de cunho cristão dominava o pensamento ideológico da época. Período este fortemente marcado pela repressão da sexualidade e das manifestações que envolvessem o prazer do corpo.

O Renascimento (entre os séculos XIV e XVI) foi outro movimento importante nesse processo de (des)construção social da IC, onde novas concepções sobre o corpo surgem, esta nova maneira de resgatar a presença carnal, o jogo com as massas físicas, a cor, a espessura das formas e das curvas. “A beleza entrou na modernidade”. Um dos fortes movimentos desse novo momento traz os quadros como aguçador da aparência (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2010 p.16-17).

Acompanhado dessas transformações, principalmente da mudança do sistema feudal para o sistema capitalista, a evolução dos estudos acerca da IC surge a partir da primeira revolução industrial. A partir do século XVIII, os modos de produção, que antes eram obtidos através da manufatura, passaram a ser

produzidos em série, ocasionando a mudança da conjuntura social e aumentando exageradamente a produção, principalmente após a criação de máquinas a vapor, fato que impulsionou uma nova forma de consumo naquele período. Com essas mudanças, a população passou a ser influenciada pelos interesses da burguesia, que, com o intuito de aumentar a linha de produção, incentivou a criação de formas de viver e vestir padronizados, excluindo os que estivessem fora desse modelo. Essa nova forma de relação gerou insatisfação por parte da maioria dos indivíduos que não tinham acesso aos produtos monopolizados pela classe burguesa. De um lado, os(as) operários(as) que fabricavam os produtos, mas não tinham acesso ao básico para a sobrevivência e, do outro lado, a grande minoria burguesa, detentora do poder econômico, que tentava ditar a moda e os costumes (SCHMIDT, 2008, p. 306-315). “À sociedade da produção segue-se a do consumo, na qual a percepção do corpo é denominada pela existência de uma vasta gama de imagens que propõem padrões de representação corporal” (VILAÇA; GOES, 1998, p. 39).

Portanto, apesar da IC repercutir a partir da primeira revolução industrial, foi somente nos séculos XIX e XX que tal tema passou a ser encarado como conhecimento científico (BARROS, 2005). Como destaque, surge o fenômeno do membro fantasma que despertou grande interesse dos pesquisadores. Provavelmente, as primeiras definições e estudos aconteceram na França com o médico e cirurgião Ambroise Paré (1509-1590) que, ao observar pessoas que acabavam de perder os membros mutilados nas guerras civis daquela época, notou que eles mentalmente acreditavam estarem movimentando os braços, mesmo estes tendo sido amputados. Este estudo foi fundamental para alavancar e problematizar a influência da IC no cotidiano das pessoas (BARROS, 2005).

No entanto, a compreensão dos neurologistas referente à IC, por muito tempo, foi vista de forma fragmentada, dividindo as concepções do corpo em áreas desconectadas do cérebro, com ênfase na localização dos centros de controle e no reconhecimento da forma pela qual ocorre a percepção corporal e não pelo viés da integralidade apontada, nos estudos mais atuais. Alguns pesquisadores, como Paul Schilder, Merleau-Ponty, Le Boulch e Lapierre, passaram a investigar o tema por um viés integrador que apresentava uma visão da IC associada à identidade do indivíduo e que se desenvolve de forma interdependente entre os aspectos

fisiológicos, sociais e psicológicos, apresentando o quão complexo é esse fenômeno (TAVARES, 2003, p. 42).

Para a idealização do termo 'imagem corporal' alguns estudiosos formularam outras concepções sobre esse construto. Segundo Tavares (2003), o neurologista Henry Head, do London Hospital, foi o pioneiro ao usar o termo 'esquema corporal'. Ele consolidou o significado do termo propondo que cada indivíduo constrói um modelo de si, que constitui o padrão de comparação e exigência básica, para a coerência na execução de cada nova postura ou movimento corporal. Esse modo de compreender a IC, passível de mudanças e se reconstruindo a cada nova vivência, foi importante para abranger a interpretação de outros tipos de experiências.

Outro estudioso, que segundo Ribeiro et al. (2012), foi um dos pioneiros ao investigar o fenômeno da IC de forma detalhada, foi Seymor Fisher que nas suas discussões centrais reflete o corpo como objeto psicológico, sendo que a organização das percepções corporais, afeta comportamento, significados e percepções que o indivíduo atribui a seu próprio corpo, de forma que os valores e as expectativas interferem diretamente nos aspectos comportamentais.

Seymor Fisher formulou, em 1968, o conceito de Fronteiras Corporais, se referindo as diferentes maneiras que os indivíduos atribuem firmeza e definição a sua superfície corporal. Essa teoria afirma que as bordas do corpo seriam responsáveis por intermediar as relações do sujeito com o mundo. O autor sistematizou as principais tendências sobre o desenvolvimento das percepções corporais que emergiram dos estudos da época (RIBEIRO, 2012).

Seymor Fisher, durante seus anos de estudo afirmava que, as representações mentais das percepções corporais vão, aos poucos, fazendo a criança se perceber como um ser único e separado do mundo que o cerca. Essas fronteiras corporais delimitam distâncias e proximidades, oferecem a noção de um corpo seguro, protegido e menos vulnerável. Essas primeiras percepções corporais definiram o modo pelo qual o sujeito interpreta e interage com o mundo e as múltiplas formas de reagir a determinado estímulo, sendo que esses aspectos se fundamentam no princípio da manutenção de um corpo seguro (RIBEIRO, 2012).

Nas pesquisas mais atuais destaca-se a obra de Paul Schilder 'A Imagem do Corpo' (1999), trazendo uma abordagem organizada do tema IC obtida por meio dos seus esforços ao estudar as áreas de neurologia, psicanálise e filosofia que,

fortemente, influenciaram sua obra. Schilder conceitua esse fenômeno como a dimensão que temos de nossos corpos mentalmente, inovando o pensamento sobre o assunto quando afirmou que a imagem que formamos é influenciada não só pelos fatores biológicos, mas também pelas relações sociais que se estabelece com o indivíduo (SCHILDER, 1999).

Outros autores também já tinham essa concepção integrada da IC. Shontz (1990 apud BARROS, 2005) afirma que a IC não é composta puramente por sistemas neurológicos e mentais. Acredita-se também que as emoções exerçam um papel importante no desenvolvimento desse componente. Gardner (1996 apud KAKESHITA, 2006, p. 498) também entendia que o componente subjetivo da IC exercia influência acerca dos níveis de satisfação criada no imaginário dos indivíduos.

Nota-se que esses autores já compreendiam que a IC perpassa por fatores que extrapolam o aspecto biológico, abrangendo as diversas vivências que o sujeito tem com o seu corpo e com o corpo construído socialmente. Slade (1994 apud Almeida et al., 2005) considerava que a IC pode ser influenciada por diferentes fatores tais como: transtornos emocionais, início da obesidade e aspectos sociais, que pressionam os indivíduos a seguir os interesses padronizados da sociedade e não o seu desejo. Sendo assim, a IC poderá se tornar para essa pessoa alvo de insatisfação com sua própria aparência. O estudo de Cash e Prusinsky (1990) ratifica a influência de múltiplos fatores na construção da IC ao afirmar que a mesma é formada por quatro dimensões: cognitiva, afetiva, comportamental e perceptiva, ou seja, existe relação intrínseca com os aspectos que permeiam a sociedade e a influência exercida pelo ambiente em que a pessoa vive. Adams (1977) já problematizava, antes de Schilder, que o mundo social discrimina os indivíduos tidos como não atraentes, causando mais dificuldades para se inserirem e criarem relações saudáveis com outros setores da sociedade. Já as pessoas consideradas atraentes se sentem mais aceitas, encorajadas a vivenciar experiências e se relacionarem com o meio a sua volta, criando uma imagem mais positiva de si mesmas.

3.1 (DES)CONSTRUÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA NA ATUALIDADE

A (des)construção da IC passa por diversas transformações e acontecimentos que confirmam a necessidade de ser compreendida de forma integral e que se reconstrói a cada experiência, em tempos históricos e culturais diferentes. Os processos de (des)construção dos padrões de beleza na atualidade segundo a pesquisadora Wolf (1992) surgem a partir de 1830, quando se consolidou o culto à domesticidade e inventou-se o código da beleza.

Pela primeira vez, novas tecnologias tinham condição de reproduzir em figurinos, daguerreótipos, ferrotipias e rotogravuras imagens de como deveria ser a aparência das mulheres. Na década de 1840, foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas (WOLF, 1992, p. 18).

Outro marco importante dessa nova concepção de corpo e estética:

“[...] surge a partir do início do século XX, momento este marcado na história com todos os eventos que cercaram a nova moda, revistas, concursos, contratos para apresentações públicas e etc. Determinou a voga do *bodybuilding*, termo que passou a descrever a construção da massa muscular, instaurando uma ideia de perfectibilidade” (VILAÇA;GOES, 1998, p. 60-61).

Portanto:

A generalização da cultura narcísica que tem no *bodybuilding* uma de suas mais evidentes expressões se revela paradoxalmente, na multiplicação de academias, das revistas, dos spas, dos centros estéticos, das clínicas de embelezamento, nos tratamentos fisioterápicos, técnicas, de ginástica (alongamento e relaxamento), onde a tônica é o imperativo que se percebe nas chamadas: “emagrecer ou emagrecer”, “controle a boca”, “jogo pesado contra celulite e flacidez”, um cardápio com poucas opções” e etc. (VILAÇA;GÓES, 1998, p.63).

“A sociedade da produção segue-se a do consumo, na qual a percepção do corpo é denominada pela existência de uma vasta gama de imagem que propõem padrões de representação corporal” (VILAÇA; GOES, 1998, p.39). A partir dessa conjuntura da criação de necessidade e desejos aliados aos novos processos de produção da revolução industrial, o corpo ganha destaque como meio de se propagar o lucro e a venda. Diante desse contexto, a inserção do indivíduo no meio social, pressiona-o a se enquadrar no padrão corporal mais aceitável. Essa relação pode causar sentimento de orgulho ou vergonha que definirão a relação do sujeito com seu corpo (KANNO et al., 2008). Além disso, a múltipla relação com a IC acaba interferindo nos estilos de vida, que se constituem como primordiais, em virtude de serem as traves mestras da vida e da ação humana, e simultaneamente uma importante variável na construção e promoção da saúde (GONÇALVES, 2004).

Portanto, segundo Wolf (1992, p.17), nessa conjuntura prevalece à relação mercadológica com suas poderosas indústrias de dietas, cosméticos e cirurgias plásticas e sua influência sobre as culturas de massa. “Enquanto o horário nobre da televisão e imprensa em geral dirigida às mulheres for sustentado pelos anunciantes de produtos de beleza, o enredo será ditado pelo mito da beleza” (WOLF, 1992, p.336). Com uma crítica veemente, a autora aponta a necessidade de uma reinterpretção da beleza que negue a competiç3o, a hierarquia e a viol4ncia.

Esse aspecto da constru73o de uma hegemonia do belo, tamb4m pressiona os homens nessa busca incessante por um padr3o de beleza constru7do socialmente, principalmente pela obsess3o 3s academias e 3 a busca de corpos m3sculos, fato este que acaba construindo uma rela73o de submiss3o ao inv4s de liberta73o que a atividade f7sica pode ocasionar. Homens tamb4m aumentam as estat7sticas de busca por cirurgias pl3sticas e o mercado dos suplementos alimentares. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicam que a insatisfa73o com o corpo nos homens, deixa de ser um incentivo e transforma-se numa obsess3o doentia. “Por mais que treinem, sequem ou fiquem fortes, desenvolvem preocupa73es irrealistas, constantes e angustiantes de que seu corpo seja feio, desproporcionado, mi7do ou gordo”. Portanto, os autores apresentam o conceito de insubmiss3o, que valorizasse dimens3es mais cr7ticas e criativas de nossa exist4ncia corporal neste campo de rela73es, a fim de romper com a vis3o consumista vigente (MARTINS; ALTMANN, 2007 p. 32-35).

Nos dias atuais, cabe destacar o conceito apresentado pelo soci3logo Bauman (2004), que ao discutir a sociedade na sua obra intitulada Amor L7quido: Sobre a fragilidade dos la7os humanos, nos traz uma reflex3o do quanto 3s rela73es interpessoais est3o fragmentadas e se desfazendo pelas rela73es em rede (internet, redes sociais, chats, blogs). Esse modo de viver dos indiv7duos gera uma experi4ncia sem cria73o de refer4ncias, na qual se fragilizam os sujeitos e os deixam vulner3veis aos interesses dos meios de produ73o e da m7dia. Percebe-se que mesmo em meio aos avan7os tecnol3gicos, o sujeito n3o foi capaz de diminuir os n7veis de insatisfa73o com a IC (KAKESHITA, 2006; COQUEIRO et al, 2008; GON7ALVES et al, 2008; RIBEIRO et al, 2016) Essa din3mica social onde nada 4 s3lido origina sujeitos fr3geis e ref4ns das rela73es superficiais, gerando uma rela73o conflituosa com a pr3pria imagem. Dentre as problem3ticas apontadas, o

estágio do espelho fica evidente, levando os indivíduos a retocar seu corpo de múltiplas maneiras: por deformações, mutilações, tatuagens, escarificações, maquiagens, cosméticos, vestimentas e cirurgias estéticas.

Diante desse contexto, “a era da modernidade líquida” criou um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível, essa forma de relacionamento é fatal para nossa capacidade de amar”, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos (BAUMAN, 2004, p.4). Nesse aspecto não se conseguiu amar o próximo, respeitar as singularidades, o valor das diferenças que enriquecem o mundo, tornando-o um lugar mais fascinante e agradável, acaba que ficando apenas no projeto e não se concretizando de fato ((BAUMAN, 2004, p 47). Por isso esse período é compreendido como a busca desenfreada pelo Padrão Inatingível de Beleza, que” traz a destruição dos indivíduos que a todo custo almejam estar dentro das normas do belo e atraente, a fim de atender os anseios da sociedade do consumismo” (CURY, 2005, p. 39).

Nesse processo de construção de espaços de poder na sociedade atual, o corpo humano é um alvo, porque pode ser adestrado, aprimorado. Portanto o poder está para além do aspecto repressivo, o que interessa não é simplesmente retirá-lo da vida social, mas gerir, controlar, dominar e neutralizar os efeitos de contra poder, a fim de tornar os homens dóceis politicamente. Esse poder disciplinar é uma técnica, um dispositivo ou mecanismo, um instrumento de poder, são métodos que permitem o controle minucioso das ações do corpo, criando uma relação de docilidade. (FOUCAULT, 2002, p. 16- 17). Nesse contexto, encontra-se um novo investimento que não tem somente a forma de controle ou repressão, mas de controle e estimulação. “Fique nu, mas seja magro, bonito e bronzeado” (VILAÇA;GÓES, 1998, p. 45).

Por isso, torna-se importante a construção da genealogia como estrutura de saberes próprios, um investimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. Em “favor da reativação dos saberes locais e menores” (FOUCAULT, 2002, p. 172). Ao trazer esse fator para a luta contra a quebra de padrões de beleza hegemônicos e da valorização das múltiplas belezas o poder exerce uma relação de forças e de confronto. Diante disso que seja possível lutar contra a indústria cultural da beleza e “quebrar” os padrões impostos pela

mídia. Suscitar as concepções de Foucault (2002) para as discussões de corpo é compreender que existe um poder maior agindo, esse poder dentro da construção da IC, diz respeito à busca desenfreada por um padrão de beleza tido como mais atraente e que aliena os indivíduos e de igual forma os estudantes universitários, que ao buscar esse corpo ideal, acaba perdendo de vista a importância das múltiplas referências de beleza.

Portanto, para superar essa hegemonia de uma cultura e modo de viver em nossa sociedade, necessita-se de reflexões do multiculturalismo, que segundo Munanga (2012) traz a importância do respeito e valorização das diferentes culturas. Assim sendo, cabe destacar que são as diversidades que devem ser potencializadas em detrimento de um modo único de ser e viver. Nessa discussão, o multiculturalismo representa:

Justamente essa corrente de pensamento, filosofia, visão do mundo ou ideologia que defende o reconhecimento público da existência das diferenças no seio de uma nação (MUNANGA, 2012, p.7).

Em contraposição existe uma concepção que objetiva a hegemonia de uma cultura em detrimento de outras, nesse interjogo constante, o autor afirma que “o nacionalismo étnico, ou seja, a afirmação de uma distinção de formação étnica. Pode haver, neste tipo de nacionalismo, a rejeição de outra comunidade” (MUNANGA, 2012, p. 8). Ao fazer essa analogia com a universidade é comum observar que existe uma padronização de um biótipo considerado belo, uma visão generalista do corpo que impulsiona os discentes a buscar se enquadrar nas normas socialmente aceitas. Diante disso, principalmente o estudante negro, oriundo das classes mais pobres e todos os demais que estão à margem do que se considera um corpo ideal, sofrem preconceitos. Para romper com essa concepção, torna-se importante:

Que nesse processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e auto-estima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial (MUNANGA, 2012, p.10).

Outro fator importante nessa problemática vai ao encontro do que a professora Nilma Lino Gomes aponta em seus estudos sobre corpo e negritude:

Alguns/mas depoentes, ao falarem sobre a sua relação com o cabelo, lembraram as experiências vividas nesse ciclo da vida e falaram da sensação de “desencontro”, de mal-estar e de desconforto em relação ao seu tipo físico, seu cabelo, sua pele e sua cor, vivida na adolescência. Dependendo do sujeito e da sua forma de lidar com essa experiência, temos, hoje, um adulto que acumula certos traumas raciais ou que lida com desenvoltura diante dos seus dilemas (GOMES, 2002, p. 47)

Portanto, parece-nos coerente que as intervenções acerca da aceitação da identidade racial devam se iniciar desde o período de escolarização, pois nessa fase os conflitos acabam se apresentando de forma mais intensa, principalmente pela inserção em novos espaços que antes os estudantes não ocupavam. Nesse sentido, “os espaços educacionais podem atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo quanto na superação dos mesmos” (GOMES, 2002, p. 47).

Em concordância, a pesquisadora Bell Hooks ressalta que esse processo surge como uma luta histórica, em todo esse percurso os negros apresentaram estratégias de resistência e luta, não aceitando as imposições de seus perseguidores (WATKINS, 2005). Não é diferente no espaço universitário, essa resiliência é constante pela busca de “um lugar ao sol”. Nas ações do cotidiano, os estudantes necessitam mostrar a cada dia suas potencialidades e romper com a lógica hegemônica dos padrões de beleza impostos na cultura dos espaços acadêmicos.

Viver a universidade em suas várias dimensões, dentre os possíveis caminhos, nos parece uma das mais significativas, Souza et al (2016) apontam para a importância da inserção em espaços extra sala de aula, os grupos de pesquisa, extensão e outros, que auxiliam nesse sentido de pertencimento e aceitação da identidade no âmbito acadêmico, encorajando os estudantes a enfrentar os preconceitos e constrangimentos vivenciados ao longo de sua formação. Portanto, nas discussões a seguir serão apresentados os principais estudos acerca da (in)satisfação com a IC em estudantes universitários que irão nortear outras problemáticas importantes e urgentes sobre a temática.

4. ESTUDOS ACERCA DA (IN) SATISFAÇÃO COM A IC EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Diante desse contexto onde os indivíduos vivem na era da globalização e do acesso a informações variadas, torna-se importante compreender as transformações ocorridas na atualidade no que se refere à IC e para, além disso, refletir sobre a influência que a mídia (televisão, internet, rádio, jornais e redes sociais) vem exercendo sobre o corpo. Essa luta constante entre a satisfação e a insatisfação demonstra que os estudantes não aceitam passivamente essa condição. Compreender essa perspectiva possibilita um olhar dinâmico e crítico sobre a temática. Estudos transversais realizados em universitários brasileiros apontam que os níveis de insatisfação com a IC estão acima de 70% (KAKESHITA, 2006; COQUEIRO, 2008; GONÇALVES, 2008; BOSI et al., 2008; QUADROS et al., 2010; MARTINS et al., 2012; FERRARI et al., 2012; MIRANDA et al., 2012; CARVALHO et al., 2013; RIBEIRO, 2016), fator esse que parece se iniciar na educação básica, principalmente a partir da adolescência, fase na qual o estudante se apropria dos códigos ditados pela indústria cultural da beleza (ALVES, 2008; AL SABBAH et al., 2009) e se intensificam no ensino superior. Diante desse momento importante de desenvolvimento dos jovens e das influências midiáticas sobre a percepção da IC, combater esse sentimento de vergonha impregnado por um padrão de beleza torna-se necessário nos espaços de ensino formais e informais (MORENO et al., 2006).

Já no ensino superior, parece que existe um conflito entre a IC real, ou seja, a que o estudante possui com a IC desejada, ao mesmo tempo em que no espaço acadêmico existem padrões de identidades corporais (branco (a), musculoso para os homens e magra para as mulheres) hegemônicos que acabam excluindo aqueles que não se encaixam em um corpo tido como atraente e belo (STEPHAN;FOUQUEREAU;FERNANDEZ, 2008). O estudo feito por Ribeiro et al (2016) vem confirmar essa preocupação, ao apontar que a percepção da IC em estudantes universitários, durante os dois primeiros anos de graduação aumentou seus níveis de insatisfação, mesmo não sendo um aumento comprovado estatisticamente, nota-se que a universidade parece não contribuir de forma eficiente

para modificar o quadro de seus estudantes que nesse caso já entraram insatisfeitos.

Em outro estudo realizado na cidade de Ribeirão Preto, SP, com 106 estudantes de ambos os gêneros (51 homens e 65 mulheres) de uma universidade pública e outra privada, constatou-se que tanto homens quanto mulheres demonstraram distorções na percepção da IC, subestimando ou superestimando o tamanho corporal, ou seja, os achados indicam insatisfação em ambos os gêneros (KAKESHITA, 2006). Segundo a autora, as pesquisas apontam um conflito muito grande entre o ideal de beleza ditado pela sociedade atual e o biotipo corporal da maioria da população. De acordo com os achados do estudo, o ambiente sociocultural parece ser uma das condições mais determinantes para o aparecimento de distorções e distúrbios subjetivos da IC.

Martins et al. (2012) também observaram associações entre o gênero e a IC em estudo realizado com 865 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados demonstraram prevalência de insatisfação com a IC de 77,9%. Homens apresentaram mais frequentemente o desejo de aumentar o peso em relação às mulheres, bem como aqueles com excesso de peso, demonstraram maior desejo de reduzir. No mesmo sentido, Quadros et al. (2010) também observaram associação da IC com o gênero, em universitários ingressantes em uma universidade pública da região sul do Brasil. A prevalência de insatisfação com a IC entre os acadêmicos investigados foi de 77,6%, sendo maior a insatisfação por excesso de peso do que por magreza (46,1% vs. 31,5%). Os autores observaram que indivíduos do gênero masculino apresentaram maior prevalência de insatisfação por magreza, enquanto que seus pares do gênero feminino relataram maior insatisfação por excesso de peso. A elevada prevalência de insatisfação com a IC é preocupante devido a sua associação com problemas de depressão, baixa auto-estima e percepção negativa da qualidade de vida (SILVA et al., 2011).

Bosi et al. (2008) desenvolveram um estudo com 191 universitárias (apenas mulheres) do primeiro ao último semestre do curso de Educação Física de uma universidade situada no município do Rio de Janeiro. Os achados indicaram associação estatisticamente significativa entre a insatisfação da IC e o peso corporal, sendo que quase 30% das mulheres que queriam perder mais de 2 kg estavam insatisfeitas com sua IC. Ou seja, uma proporção considerável das

mulheres investigadas estavam insatisfeitas devido ao excesso de peso, situação muito comum no gênero feminino, principalmente pela pressão social e midiática que a todo momento pressiona as mulheres a emagrecer. Em outro estudo que associou a IC com o estado nutricional, realizado com universitários de diferentes áreas de conhecimento da Universidade Federal de Juiz de Fora, Miranda et al. (2012) observaram que as mulheres, e pessoas com sobrepeso/obesidade, tiveram a maior frequência na classificação de insatisfação corporal. A prevalência de insatisfação com a IC neste estudo foi de 76,6%.

Em estudo realizado em uma universidade pública do município de Florianópolis, Santa Catarina, Coqueiro et al. (2008) avaliaram 256 universitários (128 homens) matriculados na disciplina Educação Física Curricular (oferecida como disciplina optativa para os alunos de todos os cursos). Os achados indicaram prevalência de insatisfação com a IC de 78,8%. Contudo, os resultados referentes às variáveis associadas à IC foram diferentes dos observados nas pesquisas supracitadas, não existindo associação da IC com o gênero e com o índice de massa corporal, mas apenas com o percentual de gordura. Os autores sugerem a utilização de métodos mais precisos de avaliação da composição corporal em estudos sobre a IC.

Ferrari et al. (2012) investigaram 565 universitários, de ambos os gêneros, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e observaram que a insatisfação com a IC esteve associada com os estágios de mudança de comportamento relacionados à atividade física para o gênero feminino. Mulheres que geralmente adotam um estilo de vida mais ativo fisicamente apresentaram maiores chances de satisfação com a IC, quando comparadas às mulheres menos ativas. Neste sentido, os autores sugeriram a elaboração de intervenções voltadas à adoção da prática regular de atividade física com vistas a promover uma melhor satisfação com a IC. Mesmo assim, qual o padrão de beleza que estas mulheres almejam alcançar? Em boa parte dos casos esse padrão plástico, quer dizer, um padrão de beleza montado pela mídia e que, em geral não se adequam em mulheres de determinado corpo, cor e ou cabelo são buscados mais intensamente que aspectos relacionados à saúde. Diante disso, Kunz (2007, p.173) alerta para a necessidade de potencializar os fatores de proteção à saúde ao invés dos fatores de risco, ou seja, romper com os interesses midiáticos que preconizam a busca por uma

modelagem corporal. O autor aponta que, mais importante que essa busca incessante em atender a uma orientação biomédica e estética, é encontrar prazer e satisfação na vida cotidiana.

Outro aspecto presente entre os estudantes e que merece atenção é a checagem corporal, que de acordo com Carvalho et al. (2013), refere-se a rituais de pesagens, medidas e comparações de seu corpo com o de outros indivíduos, e está associada às atitudes alimentares inadequadas e à insatisfação corporal, independentemente do gênero do indivíduo. Os transtornos alimentares, geralmente, estão associados à insatisfação com a IC, sendo que o acometimento é mais frequente no gênero feminino, podendo acarretar sérios problemas e prejudicar o convívio social, além de afetar negativamente aspectos emocionais e indicadores de saúde (GONCALVES et al., 2008).

Diante dos estudos apresentados e seus altos índices de insatisfação com a IC, torna-se importante ações no espaço acadêmico que visem incentivar à adoção de um estilo de vida saudável, a fim de promover uma maior satisfação com a IC nesse segmento da população, evitando problemas relacionados à saúde (MARTINS, et al., 2012). Além disso, Mello et al. (2010) ao discutir a importância das instituições de ensino superior no fomento à promoção da saúde afirmam que “a universidade tem um papel fundamental neste aspecto, visto que ela pode influenciar na qualidade de vida de seus membros e da comunidade externa, contribuindo para o conhecimento e o reforço da cidadania”. Universidades Promotoras de Saúde integram o comprometimento com a sociedade, em seu amplo aspecto, nas políticas e práticas universitárias, possuem potencial para contribuir com a saúde em três áreas distintas: criando ambientes de trabalho, aprendizagem e vivências saudáveis para estudantes e funcionários; ampliando a importância da saúde, promoção da saúde e da saúde pública no ensino e na pesquisa; e desenvolvendo alianças e parcerias para a promoção da saúde e atuação comunitária (MELLO et al., 2010, p. 685- 686).

Neste contexto, torna-se importante estimular a ampla realização de pesquisas qualitativas sobre a temática IC, pois, esses modelos de estudo conseguem dar conta de ouvir os sujeitos e compreender a fundo o que vem gerando altos níveis de insatisfação com a IC. Além disso, estimular um olhar mais direcionado para os estudantes de origem popular e cotistas que adentram as

universidades e que, no percurso acadêmico enfrentam dificuldades pelas muitas nuances que envolvem sua presença em espaços de prestígio e poder, antes não acessados por esse público. Compreender que os estudantes de hoje não são os mesmos de antigamente é essencial para a construção de novas relações estabelecidas na formação universitária e na (des)construção do corpo. Zago (2006) em seus estudos ressalta os percursos desses estudantes, principalmente negros de comunidades pobres que fogem à regra e conseguem adentrar o ensino superior.

Portanto, essa investigação surge com esse viés de adentrar nas inquietações e subjetividade dos estudantes, a fim de observar, ouvir e descrever sentimentos, percepções e emoções acerca da (des)construção da IC no cotidiano da vida universitária. Abaixo impressões acerca dos atores sociais da pesquisa são tecidas.

5. OBSERVAR, ESCUTAR E DESCRERER OS ATORES DA PESQUISA

O professor Alain Coulon em Conferência realizada na UFBA, afirma a importância da pesquisa etnometodológica e de cunho qualitativo, para ele três elementos devem ser considerados para compreender as ações dos atores sociais: *observar*, desde o espaço que se habita, as coisas que tomam vida, objetos, pessoas, movimentos, piscar de olhos, caras, sorrisos, movimentos bruscos do corpo, tudo toma forma e diz algo sobre aquele momento. Outro aspecto diz respeito à *escuta*, esta, atenciosa, reflexiva, despreendida de preconceitos, o pesquisador precisa estar aberto ao novo, ao diferente, ao imprevisível. Nesse sentido, ele deve compreender que o ator social investigado carrega consigo percepções, impressões, sentimentos e intencionalidades no seu fazer cotidiano, não sendo uma tábua rasa que responde perguntas. O terceiro quesito aponta a necessidade de *descrever*, de forma minuciosa, carregada de flexibilidade e preservando o sentido atribuído pelo sujeito, a problemática em questão. Nessa perspectiva o pesquisador não deve considerar apenas suas impressões, mas levar em conta o que o ator social diz³.

No trabalho intitulado *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos*, o Professor Marcio Goldman afirma que, nesse processo de construção dos estudos qualitativos, o pesquisador deve evitar os riscos do subjetivismo e da parcialidade por um lado, do objetivismo e da arrogância por outro, Malinowski parece ter descoberto “o soberbo ponto mediano, o centro. Não o centro, ponto pusilânime que detesta os extremos, mas o centro sólido que sustenta os dois extremos num notável equilíbrio” (GOLDMAN, 2003, p. 459). Era necessário então, para mim como pesquisador, encontrar este meu “centro”, ainda que por muitas vezes andasse no “fio da navalha”. E devemos considerar que esta não é uma tarefa fácil, já que

³ Conferência realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho (PPGSAT) da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) da UFBA em parceria com o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB). Intitulada “A Etnometodologia e a pesquisa qualitativa em saúde: Observar, escutar, descrever”, com tradução pela Profa. Ana Teixeira (CECULT/UFRB). O evento foi realizado no dia 16/09/2016, das 9h30 às 12h30, no Anfiteatro Alfredo de Brito da Faculdade de Medicina da Bahia (Largo Terreiro de Jesus, Centro Histórico, s/nº, Salvador/BA).

dialogamos com pessoas reais que têm histórias de vida e perspectivas de mundo. Aqui, os apresento ao leitor:

5.1 VALDIR

Homem, se autodeclara pardo, aproximadamente 1,70m de altura, natural da cidade de Jequié, pertencente à zona urbana, tem 29 anos de idade, cursa Licenciatura em Física, tendo ingressado no semestre 2012.1 (nono semestre), ingressou pelo sistema de ampla concorrência.

Ao entrar em contato para marcação do horário da entrevista, mostrou-se um jovem receptivo e disposto a auxiliar na pesquisa. Após algumas tentativas, adentro sua casa, numa sala ampla e sentado à mesa, explico os objetivos e procedimentos da pesquisa. Ele me demonstra certa timidez e até nas indagações notava-se seu nervosismo. Nas pausas das repostas sempre gesticula e noto, em alguns momentos, um desconforto ao ter que abordar questões mais íntimas sobre seu corpo. No entanto mostrou-se prestativo e a timidez não interferiu no andamento da entrevista. Afirma que sente a necessidade de ingressar em uma academia, com o objetivo de melhorar sua satisfação com o corpo, mas diz não se sentir pressionado a mudar sua aparência e de modo antagônico, expressa incômodo no jeito de olhar das pessoas. Esse desejo de mudança parte de uma vontade pessoal, alicerçada por uma pressão de ordem social. Incomoda-se por sua magreza, afirmando não se enquadrar em um padrão *bonito* de beleza.

Valdir relata não sofrer constrangimento na universidade em relação ao seu corpo, mas observa a brincadeira como uma possível estratégia velada de constranger e oprimir. Explicita que existe uma questão forte no curso de Física por parte dos professores, no que se refere ao desempenho intelectual dos alunos, aqueles que não se enquadram nesse padrão de aluno com atuação satisfatória acaba, segundo ele, recebendo um tratamento diferenciado, ou de menor importância em relação aos demais, no entanto em relação ao corpo não observa essa discussão em seu curso.

De forma geral, afirma que não houve influência da Universidade em relação à mudança na (in)satisfação com a IC, novamente sinaliza a necessidade de mudar sua aparência, um dos caminhos seria a entrada na academia para melhoria da

estética e da saúde. Não se viu pressionado a mudar sua aparência na adolescência. Mesmo afirmando não ser afetado pelas suas discussões e apontando que o espaço acadêmico não interfere na sua relação com a IC, ressalta a importância da Universidade na valorização das diferentes expressões de beleza e a necessidade de mais espaços de discussão da temática estética e corpo.

Afirma conhecer grupos que discutem esse construto, mas não participa de nenhum. Não mudaria sua aparência para ser aceito na universidade e afirma que cada um tem um corpo diferente e deve ser respeitado por isso. Comparando sua trajetória inicial e agora no final da graduação aponta estar mais feliz no período final, principalmente por estar conseguindo a finalização do curso e por ter “ganhado alguns quilos” nesse período.

O mesmo confirma não notar relação entre seu rendimento e satisfação com a IC. No entanto, as dores no corpo e a falta de atividade física o prejudicou nos estudos durante seu percurso acadêmico. Reconhece a importância de estar bem com seu corpo, pois influencia no psicológico e na concentração. Finaliza dizendo que “estar bem consigo mesmo é essencial para manter o equilíbrio entre corpo e mente”. Cita novamente que existem muitas brincadeiras na Universidade o que pode afetar o psicológico das pessoas, mas se esquivava de apontar os culpados nesse processo do “brincar velado”.

Relata sentir-se incomodado por ser muito “branco” e se sente constrangido em tirar a camisa nos espaços e afirma o desejo de ser “mais moreno”. Apesar de afirmar que não mudaria sua aparência para sentir-se mais aceito na academia, de forma sutil aponta o desejo de mudança da coloração de sua pele e ganho de massa corporal. Finaliza abordando a falta de tempo ao longo da graduação e poucos espaços de esporte e lazer para acessar no CFP, no entanto de igual modo reconhece sua falta de organização nesse período. Estar na Universidade representa para ele futuro, sabedoria e respeito.

5.2 JUCI

A segunda entrevistada, mulher, se autodeclara negra, aproximadamente 1,60m de altura, natural da cidade de Santo Antonio de Jesus (BA), pertencente à zona urbana, tem 25 anos de idade, cursa Licenciatura em Pedagogia, tendo

ingressado no semestre 2012.2 (oitavo semestre), ingressou pelo sistema de ampla concorrência.

Tem como marca o carisma, o riso fácil e o “ô vei” quando as palavras faltavam. A sua entrevista foi realizada na universidade, na sala do Projeto de Pesquisa do qual ela faz parte. Ela, fortemente marcada pelas mudanças que a universidade pode causar, nesse percurso é visível o empoderamento, através da fala e do corpo que a estudante vem vivenciando na Universidade.

A discente enfatiza a importância ímpar da Universidade na aceitação do seu corpo e na melhora de sua auto-estima, aborda a importância dos grupos de estudo, pesquisa e extensão, além da necessidade de extrapolar as discussões sobre essa temática em sala de aula, estar inserida nesses outros espaços oportunizou, afirma, uma formação que trouxe um empoderamento muito grande ao longo do seu percurso acadêmico.

Relata seu drama na adolescência com esse processo de (des)construção da IC, pois afirma até ter sofrido de problemas alimentares e de uma não aceitação do seu corpo no período da Educação Básica. Constrói sua IC cotidianamente e ainda busca essa referência na mulher negra, *Black* e consciente de seus direitos conquistados.

Em relação ao seu percurso formativo sofreu discriminação no seu curso (Pedagogia), por não estar no padrão do que seria o ideal de uma pedagoga, segundo ela, esse perfil aponta uma mulher sem tatuagens e piercing, com roupas menos despojadas e que se enquadre na rotina do curso. Para lutar contra essa visão, ela deposita no estudo e no desejo de mostrar pelo conhecimento seu potencial, busca nessa prática quebrar essa visão do “*profissional enquadrado*” em determinadas características. Nesse processo, presenciou uma amiga do curso de Química ser impedida de participação de atividades acadêmicas, segundo ela a amiga é discriminada por não ter o perfil esperado de uma estudante de Química, ela não menciona qual seria as características de uma estudante dentro desse curso.

Menciona com orgulho o fato de estar inserida em um grupo de pesquisa⁴ voltado para as questões raciais e o quanto esse engajamento fazem os outros

⁴ Este Projeto surge em 2010, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores, tendo como eixo estruturante a AfirmAção que objetiva apoiar estudantes das comunidades negras rurais, contribuindo para o seu acesso e permanência qualificada no ensino

colegas e professores a respeitarem. Nota no cotidiano universitário uma forma implícita de preconceito, aponta dois casos, o primeiro ocorrido em uma mesa redonda, onde a mesma foi silenciada por um professor e em outro momento outra professora colocava a questão do estereótipo do baiano estudante preguiçoso, apontando uma questão de preconceito regional. Enfatiza a importância dessa rede de solidariedade que construiu ao longo de seu percurso acadêmico, empoderando-se e estando ciente de que sua força intimida comentários e atitudes discriminatórias no espaço acadêmico.

Ela aponta que em sala não encontra discussões da área de corpo e estética, obrigando-a a procurar se inserir em dois projetos extra sala de aula, um voltado pra religião e outro na temática étnico racial. A mesma aponta essa dificuldade da Universidade possibilitar esses espaços de diálogo. Expõe a importância dos grupos que está inserida, pois a fizeram encontrar uma formação qualificada, auxiliando-a nesse conhecimento do corpo, sua raça/cor e valorização de suas raízes. Além disso, declara a importância que o espaço acadêmico exerceu na sua autodeclaração e na aceitação de sua negritude. Antes não tinha esse posicionamento definido, principalmente pela diversidade de sua família. Do mesmo modo, para nossa entrevistada, a Universidade não contribui de forma efetiva nessa discussão, não dá a devida importância aos seus estudantes. Nem traz a tona a problemática, deixando o aluno sempre isolado e perdido. No entanto, não exige o aluno dessa responsabilidade de procurar espaços com os quais se identifique e que discutam essas temáticas voltadas para o corpo.

Afirma com orgulho que, depois do ingresso no Ensino superior, sua vida mudou, encontrou caminhos que a valorizassem como mulher e que a fizeram aceitar-se. Aponta esse olhar positivo da sociedade para com estudantes universitários, cita que o empoderamento é essencial nesse processo de formação acadêmica, “sem ele você não cria uma identidade”. Esse espaço abriu caminhos podendo direcioná-la para várias vertentes do saber, desde o mestrado, atuação em sala de aula e em coordenação pedagógica. “Aqui não é que nem no comércio que

superior, mediante seu envolvimento em ações formativas complementares ancoradas em práticas de diálogo e trocas com suas comunidades de origem. A metodologia a ser desenvolvida é a da prática social, a partir da qual são trazidos conteúdos para a investigação e produção do conhecimento na área da pesquisa, que, por sua vez, alimentará a prática social, num ciclo dinâmico de trocas culturais.

estagna a pessoa”. Reafirma que os grupos Pet Afirmação e Religião são seus pilares para compreender e aceitar seu corpo e sua identidade. Não costuma manipular sua aparência para ser aceita. Em relação a sua auto estima, sente-se melhor por vivenciar sua identidade e ser respeitada na maior parte do tempo.

Estar bem consigo mesma a ajudou muito nas produções, principalmente na escrita de artigos, aponta que, quando estamos satisfeitos conosco, tudo na Universidade flui. Seus sentimentos em relação ao seu corpo são importantes para auxiliar seus colegas, pois é como um efeito cascata, um vai ajudando o outro, esse processo é essencial também na união entre as mulheres na busca de direitos iguais na universidade e na sociedade. Diante disso, ela cita a necessidade das mulheres pararem mais de travar essa luta uma contra as outras. Cita que essa disputa é histórica e serve para manutenção de uma condição de subalternidade das mulheres, presenciou casos de constrangimento com seus colegas em relação ao corpo e outros aspectos, cita um caso no Fórum das Licenciaturas, onde um professor fez uma crítica ao excesso de creme de cabelo em uma de suas colegas estudante. Descreve outro caso, onde sua colega mudou seu estilo de cabelo de liso pra Black, o que acarretou uma série de comentários acerca da mudança dessa transformação, essas formas veladas e explícitas de críticas prejudicam muito as mulheres, ainda mais quando a crítica parte do homem. Em outro momento, relata um caso com os estudantes de Educação Física que ao realizar um trabalho acerca de dobras cutâneas, no momento de apresentar os resultados a sua colega, à mesma se sentiu mal pelo fato das classificações estarem indicando sobrepeso e obesidade. Outra situação relatada foi uma crítica que a mesma sofreu de um professor por uma característica física (sua orelha).

Como estratégia de enfrentamento utiliza o diálogo, mas em alguns momentos reconhece a necessidade de um enfrentamento mais ríspido. Aponta a importância da que cada vez mais as mulheres se empoderem e sintam-se satisfeitas com seu corpo, pois existem muitos casos velados que precisam ser visibilizados. Construiu sua identidade racial, após o ingresso na universidade e inserção no Grupo Pet Afirmação. Afirma que antes de se empoderar mudaria aspectos em seu corpo para ser mais aceita. Reitera a importância de quebrar esses padrões sociais impostos e da necessidade imediata das mulheres sentirem-se aceitas, belas, com a auto-estima elevada.

Estar na universidade representa para ela caminhos diversificados e que podem determinar várias direções desde continuidade com os estudos na Pós-Graduação ou a atuação na Educação Básica como professora ou Coordenadora.

5.3 MONICA

Mulher, se autodeclara negra, aproximadamente 1,65m de altura, natural da cidade de Valença, pertencente à zona rural, tem 24 anos de idade, cursa Licenciatura em Química, tendo ingressado no semestre 2015.1 (terceiro semestre), ingressou pelo sistema de cotas.

Tímida, de sorriso fácil, aparenta ser marcada por uma forte influência religiosa, tem uma aproximação com a família, durante o processo de entrevista nota-se a utilização da pausa demorada para reafirmar ou negar suas respostas. É nítido o processo de amadurecimento acadêmico, no entanto, por estar apenas no terceiro semestre me parece ainda estar se adaptando à cidade de Amargosa e a realidade universitária.

Sua insatisfação com o corpo começa na adolescência, mas admite que esteja passando por um processo de aceitação. A todo o momento, sente-se pressionada a aumentar sua silhueta corporal, essa pressão parte da família, amigos e colegas da universidade. Oscila entre se sentir bonita e satisfeita e em outros momentos insatisfeita com seu corpo, esse estado de humor, segundo ela, depende muito de como a pessoa acorda, nos momentos que se sente “feia” usa maquiagem ou fica reservada para ver se melhora.

Apona sentir-se constrangida e criticada constantemente na universidade, principalmente em relação a sua aparência, brincadeiras veladas que acabam sendo uma forma de discriminar, geralmente são direcionadas para suas características físicas, principalmente o fato de ser magra ou das pessoas assim a considerarem. Esse modo velado de criticá-la acaba que a incomodando muito no seu dia a dia na universidade. Diante dessas constantes situações constrangedoras, ela relata ter respostas prontas, tenta se aceitar do jeito que é, firmando-se na questão religiosa, “Deus me fez assim”. Constantemente presencia críticas em relação à aparência de outros estudantes, as chamadas “piadinhas”.

Em relação aos professores relata não ter muita abertura para discussões sobre corpo, por ser também um curso de exatas, apenas observa essas problemáticas sendo discutidas pelos professores das áreas de humanas. Afirma algumas experiências positivas em relação ao seu corpo, como elogios que um professor fez a sua aparência, ajudando-a na melhora de sua auto-estima. Além disso, observa um preconceito enraizado dos estudantes e da comunidade amargosense em relação à diversidade de gênero, raça/cor e etc. Explicita que a Universidade não influenciou/influencia como se vê em relação a seu corpo, ela aponta que começou a se aceitar desde antes do ingresso no ensino superior, especificamente após a formação no ensino médio e entrada no mercado de trabalho. Aponta que estar na universidade não alterou as sensações/ percepções em relação a seu corpo e a (des)construção da IC. Mas, em outro momento da entrevista afirma que após o ingresso no ensino superior sente-se mais feliz com seu corpo, creditando essa satisfação ao fato de sentir-se mais desejada após tornar-se estudante universitária.

No entanto, reconhece que o espaço acadêmico está aberto para a diversidade e que o mesmo proporciona essa vivência com vários tipos de pessoas. Sinaliza a importância dos acadêmicos se aceitarem. “O espaço universitário ajuda nesse processo de respeito às diferenças, mas que alguns estudantes com pensamentos fechados acabam não observando e nem aproveitando essas características do CFP”.

Não conhece e nem participa de grupos que discutem a temática de corpo, estética, IC. Geralmente não costuma manipular sua aparência para ser aceita no espaço acadêmico, mas sente a necessidade de ficar/sentir-se mais bonita. Ao comparar o início da sua graduação até o momento aponta haver uma queda na sua auto-estima, como principais causadores estão à distância dos amigos e da família e a carga alta de estudos.

Relata que logo no seu ingresso algumas veteranas falavam de seu corpo, teciam comentários depreciativos, afetando negativamente no seu rendimento acadêmico, tanto que em alguns momentos ela ficava no espelho olhando-se, tendo em muitas vezes uma percepção negativa de seu corpo, o afastamento da família e esse processo de adaptação também prejudicaram seu rendimento. Para amenizar esses sentimentos recorreu ao aumento do período do dia estudando, além da

utilização de café em excesso. Esse momento conturbado afetou sua saúde, com o agravamento da gastrite, problemas respiratórios e esquecimento. Quando está bem consigo, com seu corpo é um fator positivo na interação com os colegas e no rendimento acadêmico, quando está insatisfeita com seu corpo, sinaliza ficar pensando muito sobre isso na aula e eventualmente sofre uma queda na aprendizagem.

Presencia constantemente várias críticas em relação à aparência de outras pessoas, como aspectos físicos, de gênero, localidade de origem. Essas situações são observadas geralmente em rodinhas de conversas. Explicita a necessidade das mulheres se unirem mais em relação ao respeito e a aceitação das diferenças, em geral não aponta soluções para essa mudança, Finaliza afirmando que não mudaria seu corpo para sentir-se aceita no espaço acadêmico.

Diante disso, nota-se que em meio a todos os conflitos com a IC durante o percurso acadêmico, estar na Universidade representa a realização de um sonho que ela sente orgulho de ter alcançado.

5.4 ROBERTO

Homem, se autodeclara pardo, aproximadamente 1,70m de altura, natural de São Miguel das Matas (BA), mas atualmente reside em Elísio Medrado, pertencente à zona urbana, tem 22 anos de idade, cursa Licenciatura em Educação Física, tendo ingressado no semestre 2015.1 (terceiro semestre), ingressou pelo sistema de cotas.

Extrovertido, aparentemente cordial e de personalidade forte, visivelmente marcado por uma influência de práticas de atividades físicas. Ao chegar a seu espaço de trabalho, fui convidado a adentrar, durante a realização da entrevista demonstra espontaneidade na sua fala, utiliza a pausa demorada para reafirmar suas respostas, observa-se que por estar no início do curso ainda passará por um processo de amadurecimento acadêmico.

Relata sentir-se melhor hoje com sua IC, mas se diz um eterno insatisfeito com seu corpo, esse maior nível de insatisfação surgiu na adolescência, encontrando na musculação uma ferramenta de auto-estima e prazer, sendo primordial para sua vida, essa busca constante não vem de uma pressão social, mas

de uma questão própria, interna, apesar dessa afirmação é notório o desejo de uma busca por um padrão de beleza hegemônico. A universidade não exerce pressão em relação à mudança de sua aparência, ao contrário afirma ser um espaço tranquilo e acolhedor das diferenças. Sente-se ainda magro, apesar de observar que sua silhueta está dentro dos padrões de atlético, gostaria também de ter nascido com cabelo liso. Em outro momento observa a influência social na sua definição de beleza, mas também traz a importância da beleza interior, afirma que a beleza depende de quem a contempla, aponta a necessidade de quebra da hegemonia do belo, ao mencionar o negro como importante nessa construção das múltiplas referencialidades de beleza.

Reconhece a importância do CFP ao possibilitar vivências que melhoram a auto-estima dos estudantes, mesmo apontando que a Universidade não interfere na satisfação com o corpo. Enfatiza novamente que no CFP o respeito às diferenças é bastante trabalhado, no entanto, aponta que fora do espaço acadêmico, principalmente na educação básica, essa pressão por mudança no corpo e na aparência é evidente, além disso, na sociedade em geral também não existe essa aceitação das diferenças como observado no espaço universitário.

Não observou até o momento impedimento dos estudantes participarem de atividades acadêmicas por conta da aparência física, mas não descarta a possibilidade de que esse fato aconteça de forma velada, não sofre constrangimento no espaço acadêmico, muito pelo contrário, observa que os professores desde o início apontam discussões para a valorização das diferenças e o respeito para com o outro, sendo que os docentes são mais abertos que os alunos em relação a essa discussão de corpo. Na maior parte do tempo, é um jovem adaptável aos diferentes espaços acadêmicos e está aberto a conhecer diferentes grupos de estudantes.

Estar na Universidade não interfere na sua (in)satisfação corporal, esse processo de aceitação ou não com a IC veio antes do ingresso no ensino superior. Diante disso, afirma não sofrer impactos da universidade, no entanto, nesse sentido reconhece que as discussões são intensas e estimuladas pelos professores, principalmente no curso de Educação Física. Ao mesmo modo, reconhece que o espaço acadêmico traz contribuições na aceitação do corpo, a busca da estética deve estar aliada à saúde, mesmo que ele busque esse padrão modelado esteticamente pela sociedade. Cita que no CFP é valorizado e estimulado o respeito

à diversidade de gênero a questões étnicas raciais e aspectos físicos. Mesmo a mídia, a todo o momento, tentando impor um padrão hegemônico aos estudantes, em muitos casos, os mesmos vão na contramão dessa cultura, o próprio CFP seria esse espaço de múltiplas belezas do recôncavo.

Não costuma manipular sua aparência para sentir-se mais aceito, busca um estilo próprio, cita a Universidade como esse espaço não padronizado, sentindo-se a vontade até na questão da vestimenta.

A satisfação com o corpo é essencial para melhora do seu rendimento acadêmico, quando se sente insatisfeito busca melhorar a alimentação, pratica atividade física, assiste filme ou dá um tempo que passa. Estar otimista e bem com seu corpo, com sua auto estima elevada ajuda nesse processo de relacionar-se, quando está mal, “pra baixo”, acaba nem buscando essa interação com os colegas. Para ele, estar bem como o corpo permite não só desenvolver as atividades acadêmicas, mas permite participar de qualquer outra atividade cotidiana.

Presencia constantemente, em rodas de conversa, críticas acerca do corpo de outros colegas, reconhece participar em alguns momentos desse processo, compreende ser isso um vício social, mesmo acreditando não ser correto. As críticas vão desde o cabelo aos aspectos físicos, em muitos momentos reconhece que as ações deveriam ser de respeito às diferenças e aceitação das pessoas como elas são. Aponta que o CFP vai na contramão da sociedade e da mídia, ao propagar o respeito as diferenças. Observa o esforço que é feito pela Universidade para possibilitar uma formação mais crítica e reflexiva. Não mudaria seu corpo para sentir-se aceito. Estar na universidade representa para ele a busca do conhecimento e a progressão pessoal e profissional para o futuro.

Esta apresentação objetivou explicitar quem são os estudantes que compuseram essa pesquisa, conhecê-los é fundamental para compreensão dos resultados e das opiniões e histórias de vidas diversificadas aqui encontradas acerca do objeto em estudo, nesse caso a IC.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1(DES)CONSTRUÇÃO DA IC: VIVÊNCIAS COTIDIANAS DE CONSTRANGIMENTO AO CORPO DURANTE O PERCURSO FORMATIVO

Acredita-se que a percepção negativa do corpo pode ter seu início na educação básica, principalmente a partir da adolescência, fase na qual o estudante se apropria dos códigos ditados pela indústria cultural da beleza. Segundo Alves et al. (2008) e Sabbah et al. (2009), a insatisfação com a IC durante a adolescência torna-se mais acentuada, especialmente para o gênero feminino. Por isso, é comum que adolescentes insatisfeitas com a sua IC adotem comportamentos alimentares não saudáveis e práticas inadequadas de controle de peso, como uso de diuréticos, laxantes, auto-indução de vômitos e realização de atividade física extenuante (ALVES et al., 2008; SABBAAH et al., 2009; CARVALHO, et al., 2013).

Esse quadro prolonga-se no Ensino Superior, que traz consigo angústias pelas incertezas que por ventura virão. Fatores como a dificuldade financeira e as mudanças do próprio período de transição da adolescência para a idade adulta geram momentos de tomadas de decisões relativas aos seus projetos de futuro e sua independência, sendo que esses aspectos acabam fazendo parte do processo de amadurecimento do acadêmico.

Essas dificuldades de permanência na universidade, principalmente das camadas mais pobres, acabam afetando a autoestima e o rendimento acadêmico dos estudantes, evidenciando a necessidade de um olhar mais atento das universidades brasileiras em promover condições materiais e simbólicas necessárias para uma formação de excelência e que impacte de forma positiva a construção da IC desse público (SANTOS et al., 2012; COULON, 2008; ZAGO, 2006).

Diante desse contexto, a IC exerce importância singular na vida dos indivíduos, necessitando de aprofundamentos em relação à sua compreensão, principalmente nessa fase que os estudantes adentram o ensino superior. O reflexo desse processo conturbado acaba gerando essa insatisfação com o corpo, uma perda de qualidade de vida e doenças associadas à construção negativa da IC. Juci confirma essa preocupação, principalmente na fase da adolescência:

Eu me sentia insatisfeita com meu corpo em relação a estar acima do peso. Então, como estava acima do peso eu tinha que mudar isso de alguma forma, e a forma que eu encontrei foi diminuindo minha alimentação e forçando o vômito quando eu tinha comido exageradamente. Então assim, às vezes eu saía com as meninas, minhas amigas, e aí a gente comia um acarajé aí eu sentia que eu comi muito acarajé. Então, eu tinha que colocar aquilo pra fora porque senão eu não iria perder depois. Então eu tive isso (JUCI, 2017).

Esse relato evidencia a influência que a construção social dos padrões de beleza exerce sobre os estudantes desde a educação básica ao Ensino superior, pressionando-os a concretizar em seus corpos, um padrão ideal disseminado em nossa cultura. Essa busca desenfreada por um padrão de beleza distancia os indivíduos do contato interno, perdendo a conexão com o corpo real, gerando insatisfação com a IC (TAVARES, 2003, p. 17). Esse desejo incontrollável na busca por um padrão de beleza gera esse conflituoso choque de realidades, oscilando entre o que somos e o que gostaríamos de ser. Nesse sentido, a mídia influencia de forma decisiva:

Constantemente as informações que obtemos sobre os diversos aspectos que formam o mundo, dentro das novas tecnologias, a mídia e seu ávido poder consumista são apreendidas por nós como uma parte de nosso corpo, unindo-se com nossa IC, transformando-nos em camaleões que se adaptam àquilo que as circunstâncias exigem. Nossa percepção de mundo passa a ser lograda a partir de tais influências, e nos sujeitamos a ver essas transformações com os limites impostos por nós mesmos (BARROS, 2005, p. 552).

Outro estudante evidencia que o início da insatisfação com a IC começou na adolescência. Ao questioná-lo sobre sua aceitação, ele afirma que se sentia insatisfeito na maior parte do tempo durante sua vivência na educação básica, além de sofrer críticas de outros colegas em relação a suas características físicas, esses acontecimentos ocorreram principalmente durante o Ensino Médio:

Constantemente, é mais uma questão... desde novo, eu era bem baixinho e magro e por isso eu e meu irmão a gente sofria muito, que a gente é gêmeos, a gente sofria muito essa questão de ser baixo e magro, aí a gente acabava sofrendo bullying e outras comparações, apelidos de quando era criança (ROBERTO, 2017).

Portanto, conflitos na escola e dificuldades de respeito às diferenças corroboram com os achados do estudo de Ribeiro e Reis (2014), no qual os

pesquisadores puderam constatar que eram recorrentes situações de constrangimento no espaço escolar:

Cabe refletirmos que por trás de palavras existem construções sociais, que inferiorizavam os estudantes negros e outros grupos identitários que não se encaixavam em um padrão de beleza referenciado por eles. Observou-se ao longo do processo que a relação de respeito às diferenças eram muitas vezes violadas (RIBEIRO; SANTOS, 2014, p.3).

Em outro estudo realizado com 710 adolescentes do gênero feminino matriculadas entre a 5ª e a 8ª séries das escolas públicas municipais do Município de Gravataí, Estado do Rio Grande do Sul constatou-se que a maioria das escolares estavam satisfeitas com sua IC. As meninas não brancas apontaram uma percepção corporal mais positiva, aspecto este pouco presente em outros estudos. A maior incidência de insatisfação com o corpo foi observada entre as adolescentes com sobrepeso/obesidade e na fase pós-puberal. Diante desses dados, é imprescindível uma maior atenção do sistema educacional em detectar as causas dessa insatisfação e potencializar práticas de valorização do corpo (AERTS et al., 2011).

Fica explícito que essas experiências na Educação Básica acabam gerando um reflexo no Ensino superior. Ao adentrar na universidade vêm à tona dois aspectos, de um lado a importância da universidade para a melhora da satisfação com o corpo e aumento da auto-estima, por outro, a universidade vem sendo pouco significativa para os estudantes no que concerne a influenciar na (in)satisfação com a IC. Nesse momento, o foco vai ao encontro da segunda problemática. Esses achados dialogam com o estudo de Ribeiro, Gordia, Quadros (2016), ao observarem que estar na universidade não modifica a visão que o estudante tem em relação a seu corpo, ou seja, nota-se a pouca influência do espaço universitário na determinação da (in)satisfação com a IC. Esse aspecto é notório:

Não, a Universidade não teve influência não. Eu acho que o meu pensamento veio muito formado e aí eu acho que nada me abalou quando “quer dizer nada entre aspas, nesse fator do corpo não influenciou em nada na minha vida” (MONICA, 2017).

Já Roberto traz à tona a influência social que norteou a relação com seu corpo. Sendo que ficou perceptível o quanto a cobrança midiática acaba exercendo forte influência nessa busca por um padrão de beleza, de igual modo para esse

discente estar na Universidade durante três semestres não foi suficiente para causar impactos significativos na percepção de sua IC:

Eu acabei criando essa questão social mesmo do meu corpo, com a universidade não tem relação nenhuma com a questão do corpo. Eu tive que priorizar o estudo ao invés do corpo, entendeu? Da estética. Ai acabei deixando de lado, talvez eu possa até parar essa psicose com o corpo por causa dos estudos. Mas, não quer dizer que a universidade influencia positivamente perante a mim, nem negativamente (ROBERTO, 2017).

Além disso, por mais que os estudantes reconheçam a importância da universidade nesse processo de aceitação ao corpo, poucos se sentem impactados pelas discussões que são construídas naquele espaço de saber em relação à aceitação da IC, como observado na fala de Valdir:

É algo assim, eu me sinto feliz com meu corpo né, não tenho algo de falar assim, ah eu sou triste pelo meu corpo, não, eu sou feliz, mas se foi depois que eu entrei na universidade ou não, eu acho que isso nunca me influenciou não, entendeu? De me sentir mais belo ou menos belo por causa da universidade. A universidade não me influenciou nessa beleza não. (VALDIR, 2017).

Diante disso, é importante destacar que a (des)construção da IC está relacionada ao processo formativo, sendo observado altos índices de insatisfação, por isso a importância das discussões dessa temática nos espaços acadêmicos:

É uma parte que tá cada vez mais se tornando mais específica da universidade essa questão de discutir a questão da beleza né, a beleza está no olhar da pessoa e não precisa a pessoa mudar pra sentir-se belo né, então essa questão de discussão a universidade já vem trazendo bastante, batendo na tecla (VALDIR, 2017).

Portanto, observou-se que esse reconhecimento por parte de alguns estudantes do quanto à universidade é importante nas discussões sobre corpo não foram suficientes para possibilitar uma aceitação da IC. No entanto, é notório que durante sua graduação os discentes foram impactados pela universidade, mesmo que o relato de alguns estejam na contramão dessa afirmação. Por isso, cabe à academia estar atenta no que se refere a problematizar e proporcionar uma discussão ampliada e crítica, a fim de implementar estratégias para melhorar os índices de satisfação com a IC.

Outro aspecto evidencia que no mundo contemporâneo, tem-se observado que o modelo de beleza está associado a corpos musculosos entre os homens e magros entre as mulheres. Contudo, na maioria das vezes esses padrões se tornam inalcançáveis para a maioria dos indivíduos, o que acarreta sentimento de frustração que leva as pessoas a um distanciamento entre a IC real e a ideal. Quanto maior esse distanciamento, mais acentuada será a incidência de baixa auto-estima e sentimentos de culpa, afetando de forma negativa a saúde e qualidade de vida dos indivíduos (STEPHAN; FOUQUEREAU; FERNANDEZ, 2008).

Por isso, esses reflexos da sociedade em geral são constantemente observados no espaço universitário. Dentre as principais questões, estão críticas ao cabelo, características físicas, estereótipo de curso e as brincadeiras no cotidiano acadêmico. Monica evidencia os julgamentos direcionados para suas características físicas.

Constantemente! Tipo eu odeio quando alguém fala assim “Ah você tá seca” Vei, pra mim isso é horrível, porque tipo um ser, uma pessoa seca vai muito, além disso. Aí as pessoas pegam e fica assim tipo com aquela brincadeira e no meio das pessoas, de todo mundo fala com a boca alta “Pô Mone você tá seca, o que tá acontecendo com você não sei o que, e pra mim isso é ruim, eu odeio mesmo, eu fico bem chateada (MONICA, 2017).

Já outro estudante relata sentir-se constrangido quando precisa expor seu corpo. Uma insatisfação por sua magreza, que acaba gerando vergonha:

Só minha magreza, mas fora isso não tem nada outra coisa que me sinto insatisfeito não. Assim, no momento em que eu me sinto insatisfeito, quando eu levanto a blusa, principalmente [...] aí talvez até pelo meu físico também (VALDIR, 2017).

Outro fator observado vai de encontro ao cabelo, Watkins (2005) em seus estudos aponta essa barreira na construção de uma diversidade de belezas. Dentre as características físicas, o cabelo é uma forte demarcação de aceitação social, onde, o cabelo liso, ou escovado desponta como um aspecto importante nessa construção da IC, além da dificuldade de aceitação do cabelo como identidade desde a infância ao ensino superior, principalmente das mulheres negras e que possuem o cabelo crespo, essa relação conflituosa é apontada pelos universitários:

Antes quando mais nova, muitas pessoas falavam sobre meu cabelo, porque era cacheado e naquela época quase ninguém tinha cabelo cacheado, as pessoas tinham mania de alisar, fazer qualquer coisa menos deixar cachos. Então quando eu era pequena muitas pessoas falavam pra minha mãe, ficavam perguntando não é difícil pentear esse cabelo não sei o que, ficava falando [.....] As pessoas ficavam falando alisa, alisa, alisa, ficava naquela coisa alisa. Minha irmã já alisou por conta disso, ela deu relaxamento, por conta das pessoas ficarem falando pra ela mudar, da pressão. Só que eu nunca quis alisar, tipo eu já escovei, já pranchei também pra ver como ficava. As pessoas falavam, deixa assim, deixa assim, assim é melhor, não deixa os cachos voltar não, dá coisa, isso e aquilo (MONICA, 2017).

Nesse contexto, Watkins (2005) aponta que diante das mudanças na política racial, os negros e, principalmente, as mulheres negras, continuam obcecados com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Por conta disso, acabam se aproveitando da insegurança que as mulheres negras sentem em relação ao seu valor na sociedade de supremacia branca. O racismo observado na atualidade aponta para várias problemáticas, dentre elas, o alisamento que permanece em muitos momentos como um processo de mudança de aparência dos negros, ora para atender um desejo midiático de beleza e em outros momentos para aproximar-se de características do branco, este processo em muitas vezes acontece de forma pouco crítica, principalmente por parte dos menos escolarizados e com pouco acesso a discussões que possibilitem essa reflexão. No entanto, essa construção é perversa e segregacionista, tendo por objetivo afastar o negro da construção positiva de sua identidade. Esse fato é observado no relato dos participantes da pesquisa, ao questioná-los como se dava a relação com seus cabelos na Universidade, ou se gostariam de mudar algo em sua aparência. Juci aponta essa problemática com o cabelo *“quando eu entrei na universidade eu lembro que eu passava um creme, lambia meu cabelo”*. Já Roberto, evidencia a insatisfação em relação ao seu cabelo crespo *“foi como eu disse, na verdade, talvez se eu tivesse nascido com o cabelo mais liso”*.

Logo, em relação ao cabelo, o alisamento e outras questões que envolvem a importância do empoderamento das culturas negras, destaca-se que esse processo histórico de lutas, resiliências e multirreferencialidades de beleza vêm se construindo em diferentes espaços sociais e na Universidade. Os movimentos iniciados durante os anos 1960, com o objetivo de denunciar, criticar e alterar o racismo branco apontava a necessidade de mudança da obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade branca. *“A partir daí, que os penteados afros, em*

específico o Black Power, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista, considerado uma celebração da condição de negro(a)” (WATKINS, 2005, p. 3). No trecho abaixo, é notório o empoderamento e auto-estima dos estudantes ao aceitarem e sentirem orgulho de sua identidade:

Hoje em dia mesmo as pessoas dizem que eu não penteio meu cabelo, porque geralmente eu venho com ele do jeito que eu acordo, eu bagunço ele, pra mim tá lindo, pronto, acabou e vim pra faculdade. (JUCI, 2017)

No entanto, esse processo de afirmação da identidade negra e das minorias identitárias na Universidade é repleto de resistências, desafios e conflitos. Diante desse contexto, os participantes fazem denúncias de vivências constrangedoras por conta de seus cabelos crespos:

No fórum de licenciatura, uma menina chegou e aí ela tava assim com o cabelo e aí ela tinha resquício de creme ainda no cabelo. Aí o professor chegou olhou pra ela e fez *“Eu não to querendo ouvir você falar de seu trabalho com esses cremes todos no cabelo, vá ao banheiro e limpe isso”*. E a gente olhou uma pra cara da outra assim, tipo não, eu quero escutar o trabalho assim mesmo, pode começar o trabalho porque a gente tá na sala e também quer ouvir. Se ele quiser avaliar ou não é problema dele. Ai ela ficou assim em dúvida, aí eu disse fica aí. Ela ficou aí ele olhou assim pra mim, eu fiz” olha é o seguinte, ela tá gostando dela com esse creme no cabelo, e se ela colocar um creme de outra cor problema é dela, ela quer isso pra ela. Então você não tem que se intrometer na imagem dela”. Aí pronto (JUCI, 2017).

Esse fato aponta a necessidade de um olhar mais cuidadoso para com os estudantes no que se relaciona à vivência interpessoal e respeito às diferenças. Gomes (2003) aborda essa questão, ao afirmar a importância de uma formação de professores pautada no entendimento das multirreferencialidades de beleza e valorização da cultura afro-brasileira. Diante disso, indagações que possibilitam uma reflexão são apontadas.

A formação de professores/ras, sobretudo a que visa à diversidade, deveria considerar outras questões, tais como: como os/as professores/ras se formam no cotidiano escolar? Atualmente, quais são as principais necessidades formadoras dos/das docentes? Que outros espaços formadores interferem na sua competência profissional e pedagógica? Que temas os/as professores/ras gostariam de discutir e de debater no seu percurso de formação e no dia-a-dia da sala de aula? E que temáticas sociais e culturais são omitidas, não são discutidas ou simplesmente não são consideradas importantes para a sua formação profissional e para o processo educacional dos seus alunos? Será que a questão racial está incluída nessas temáticas omitidas ou silenciadas? (GOMES, 2003, p.169).

Portanto, como garantir respostas para inúmeras questões se nas próprias universidades não existe uma formação específica para abordar discussões étnico-raciais? Os próprios professores universitários ainda estão repletos de desafios ao lidar com essa dificuldade em suas formações e conseqüentemente em formar professores que dominam essa temática. Por isso em muitas circunstâncias a aceitação dos estudantes oriundos principalmente das cotas, sejam elas de escola, pública, raciais, indígenas ou de pessoas com deficiência, apresenta-se conflituosa por parte dos que já estão na universidade.

Nesse sentido, um dos fatores importantes a se destacar vai de encontro aos novos estudantes e como esse processo de acolhimento vem sendo realizado. Nessa nova conjuntura universitária existe o que Elias e Scotson (2000) apontam como os Estabelecidos e os Outsiders, ou seja, uma queda de braços entre os estudantes e professores que já estão na Universidade e estabeleceram códigos de manutenção desse prestígio, do outro lado os “estranhos” que adentram o espaço acadêmico por meio de grupos segregados e que precisam se constituir naquele novo espaço com suas peculiaridades e necessidades, fator este mais observado a partir do acesso por meio das cotas. Essa relação muitas vezes é conflituosa, pois quem faz parte daquele universo em muitos momentos procura criar códigos de conduta que servem como estratégia para diminuir, inferiorizar e negar a cultura e a identidade do outro diferente:

Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos — o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos e outsiders (ELIAS; SCOTSON,2000, p.22).

Além disso, essa aceitação e mudança do cabelo liso escovado para outro penteado que afirma a identidade do cabelo crespo é um processo permeado de desafios e obstáculos, Watkins (2005) aponta que um dos aspectos mais destacados ou impactantes que impedem as mulheres, principalmente negras, de usarem o cabelo sem química é o medo de perder a aprovação e consideração das

pessoas. Nesse processo, poucas mulheres receberam apoio de suas famílias, amigos e parceiros amorosos quando decidem não alisar mais o cabelo:

Uma colega fez transição (mudança do cabelo liso escovado para o crespo) há um ano atrás e aí logo quando ela fez, ela quis raspar de vez, ela raspou de vez. Ai chegou uma professora pra mim e fez “*Por que ela fez aquilo no cabelo dela? Ela tava com o cabelo escovado tão lindo*” (JUCI, 2017).

Essa luta é constante em todos os espaços sociais, e muito presente no espaço universitário. Portanto, torna-se importante o amplo debate para mudar gradativamente essa problemática presente na academia. A obsessão com o cabelo, geralmente, reflete lutas contínuas com a realização e auto-estima e deve-se:

“Em uma cultura de dominação e anti intimidade, lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros”. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que freqüentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração (WATKINS, 2005, p. 7-8).

Em relação às discussões de corpo, cabelo e beleza negra, Gomes (2006) em sua obra *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* problematiza a necessidade de conquistas de espaços potencializadores da negritude, dentre esses espaços, os salões étnicos possuem um importante papel na construção da identidade negra, assim como na aceitação e admiração do corpo e do cabelo como símbolos culturais, históricos e sociais do homem e da mulher negra. Além disso, essa pesquisa traz à tona a importância do negro estar bem com seu corpo e seu cabelo, sendo uma das maneiras de se firmar na sociedade e na universidade que a todo o momento buscam inferiorizá-lo. Esse processo de aceitação e empoderamento são imprescindíveis para o rompimento de um ciclo histórico de segregação e racismo.

Além disso, Gomes (2002) suscita discussões nessa perspectiva, ao apontar a importância de trabalhar o respeito e a valorização do corpo negro desde a educação básica. Espaço este que parece ainda não dar conta de cumprir com esses objetivos.

A experiência com o corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos afetivos. A

trajetória escolar/educacional aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/ racial e o seu padrão estético. O corpo surge, então nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário (GOMES, 2002, p. 41).

Nesse contexto, o negro até os dias atuais precisa conviver com as condições de desrespeito e subalternidade que foram impostas por um processo histórico, culminando na desvalorização do corpo e da beleza negra. O belo, cobiçado e desejado acaba sendo o corpo branco. Dentre os fatores que contribuíram com essa relação desigual está:

A comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (GOMES, 2002, p. 42).

Outro aspecto bastante evidenciado pelos acadêmicos são os conflitos entre as mulheres. Em determinados momentos foi explicitada a existência de uma crítica muito forte entre os próprios membros do gênero feminino, ao questionar porque as mulheres em muitas circunstâncias utilizam da crítica para com a outra, respostas foram apontadas pelas estudantes:

Porque, tipo assim, existe aquele ditado que diz assim que mulher não se arruma para o homem, mas se arruma para outra mulher. Quando você chega no lugar tipo a gente mulher que se arruma, percebe o olhar do homem, mas também a gente percebe o olhar da outra mulher. Porque de certa forma às vezes ela acha que a mulher está mais bonita do que ela, aí ela tenta achar um defeito pra poder tornar na mente dela aquela pessoa feia. Então, quando as mulheres se juntam pra poder falar mal de outra é porque ela acha aquela pessoa bonita, mas também ela quer achar um defeito naquela pessoa pra poder tipo suprir aquilo que ela não tem e outras vezes também ela fala realmente a pessoa ter alguma ausência, sabe de alguma coisa assim ela começa a falar. Mas, na maioria das vezes é assim a mulher fala porque, meio que inveja mesmo (MONICA, 2017).

Juci, de igual modo, demonstra que essa desunião entre as mulheres tem relação com uma construção histórica patriarcal, que visa enfraquecê-las e manter a posição de prestígio dos homens no poder e na relação de “dominação do corpo”:

A gente tem essa coisa de odiar uma à outra, então se alguém usou uma maquiagem mais bonita que a minha eu vou odiar ela por isso. *“Porra, ela tá chamando mais atenção que eu”* entende? Então isso é muito complicado, a gente tá bem consigo mesmo e fazer a outra pessoa se sentir bem consigo mesmo por causa de nosso bem! Porque a gente se odeia, a gente não é ensinada a amar uma a outra, a gente é ensinada a tá em um grupinho pra fofocar uma da outra. Então, quando você tá em um grupo você tem que se focar nisso, você tem que se focar no feminismo mesmo. Você vê que aquela outra menina ela precisa ser empoderada, precisa estar bem com ela. Então é você levantar a auto-estima dela e esquecer o seu [...] Eu acho que é construção histórica, essa ideia assim tirando o meu bem achismo mesmo que eu ainda não fiz estudos sobre isso. Eu acredito que a ideia de gente não gostar uma da outra, a gente não vai se unir. Então, se a gente não se unir não ir contra as ideias que são postas, porque a gente tá se odiando, então não tem porque ninguém se preocupar com a gente entende? A gente já tá se odiando, gastando o tempo com a gente mesmo (JUCI, 2017).

Diante dessa problemática, Lorde (1984), em suas discussões, menciona que o patriarcado é um dos fortes fatores que criaram essa relação histórica de rivalidade entre as mulheres, ensinamentos direcionados às mulheres partem da concepção de ignorar suas diferenças, ou vê-las como as causas da separação e suspeição, em detrimento de enxergá-las como a força para a mudança. Além disso, existe a necessidade da união, da comunidade para a libertação da sujeição histórica. No entanto, essa visão de grupo não deve significar uma supressão das diferenças, nem a pretensão patética de que essas diferenças não existem. Não se deve lutar apenas pela tolerância à diferença entre as mulheres, mas para a formação de uma base criativa para o diálogo e o fortalecimento do ser e estar no mundo. Nesse sentido, há a necessidade de aprender a fazer da diferença a somatização de forças e finaliza de forma enfática ao apontar que:

As ferramentas do senhor nunca vão desmantelar a casa-grande. Elas podem nos permitir temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína. E esse fato só é uma ameaça àquelas mulheres que ainda definem a casa-grande como sua única fonte de suporte. O fracasso das feministas acadêmicas em reconhecer a diferença como uma força crucial é o fracasso em transcender a primeira lição patriarcal. Em nosso mundo, dividir e conquistar tem que se tornar definir e empoderar. Eu conclamo cada uma de nós aqui a mergulhar naquele lugar profundo de conhecimento dentro de si mesmo, e alcançar o terror e a abominação a qualquer diferença que ali reside. Ver que face veste. Então o pessoal e o político podem começar a iluminar todas as nossas diferenças (LORDE, 1984, p. 2).

Nesse sentido, Butler (2003) aponta a importância de romper com a normatividade, ou seja, um padrão de gênero e corpo, como se ele fosse algo natural e não construído nas relações sociais. Essa compreensão crítica possibilita o término da segregação e modifica essa lógica que inferioriza e exclui pela própria ausência de reconhecimento e de legitimidade, aspecto este muito presente nas relações estabelecidas entre as estudantes universitárias.

Diante dessa problemática discutida, na busca desenfreada para atender um padrão de beleza apresentado como hegemônico, os estudantes se deparam com dois aspectos importantes, o primeiro evidenciado por Wolf (1992) como o mito da beleza, com sua poderosa indústria do bodybuilding, com a propagação da ideia da perfectibilidade corporal, gerando uma busca alucinada por um padrão inatingível de beleza, a mídia constrói um tipo de corpo artificial, modificado pela tecnologia que existe apenas no imaginário dos sujeitos. Toda essa relação necessita ser encarada de uma forma crítica e combatente (CURY, 2005). Em contraposição a essa alienação, os estudantes criam resistências, são insubmissos, não aceitam a segregação, a separação, a falta de diálogo e a influência mercadológica do corpo, lutando no cotidiano acadêmico para promover a valorização das diferenças (MARTINS;ALTMANN, 2007).

6.2 (IN)SATISFAÇÃO COM A IC E SUA INFLUÊNCIA NA INTERAÇÃO E RENDIMENTO ACADÊMICO

A (des)construção da IC está sempre em movimento, apresenta-nos momentos de altos e baixos níveis de satisfação corporal, a depender de nossas experiências passadas e atuais, são nossas histórias de vida em circulação constante (TAVARES, 2003), por isso a utilização do conceito (in)satisfação, entendendo que esse processo é dinâmico e modificável a depender das experiências do ator social com seu corpo. Portanto, essa relação parece influenciar no processo de convivência com os colegas e professores, além de interferir no desempenho dos componentes pedagógicos e nos projetos de pesquisa e extensão da Universidade. Nessa direção, outro estudante afirma a importância de estar satisfeito com seu corpo:

Se sentir bem você vai conseguir participar de qualquer atividade, seja no trabalho, na faculdade, em casa. É importante, acho que muita gente acaba se prendendo, ao não estar se sentindo bem, não busca melhoria, aí fica naquele meio termo, Ah eu não tô bem, mas não procura melhorar. Quando eu não tô bem eu procuro melhorar. É uma forma de me safar daquilo (ROBERTO, 2017).

O bem estar físico e psicológico do estudante é essencial para o processo formativo e de convivência com os colegas, funcionários e professores, possibilitando melhores rendimentos nos componentes pedagógicos e na participação em outras atividades da Universidade (CUNHA; CARRILHO, 2005). Diante disso, Martins et al. (2012) ressaltam a importância de ações que visem incentivar a adoção de um estilo de vida saudável, a fim de promover uma maior satisfação com a IC nesse segmento da população. Outro ponto observado está relacionado ao processo formativo, estudantes que se inserem em outros espaços para além da sala de aula parecem conseguir uma maior autonomia no seu dia a dia na universidade, além de um processo de afiliação em um tempo menor e com uma formação de maior excelência. Essa relação é notória, principalmente a partir do ingresso em grupos de pesquisa:

Esses grupos instituem um pilar (educação científica, orientação/tutoria, rede de apoio) que sustenta a afiliação e a permanência do estudante na universidade. Baseada nas exposições dos sujeitos, bem como através da revisão bibliográfica, a iniciação científica aparece, para além das suas funções de produção, formação e disseminação de conhecimento científico, como um importante dispositivo institucional que auxilia no desenvolvimento de competências e posturas indispensáveis a estudantes de graduação, conseqüentemente colaborando na adaptação ao mundo acadêmico. (SOUZA, 2016, p.12)

Juci corrobora, ao afirmar a importância dessas vivências para seu crescimento intelectual a partir da inserção em grupos de pesquisa, além disso, cita que esses espaços são potencializadores do empoderamento:

Quando você se sente satisfeita, como aquela questão que eu tinha falado antes do empoderamento, né? [...] então você começa a ter voz, você está bem consigo mesmo, você começa a tá bem em relação a tudo. Você tá bem em relação a seu conhecimento, em relação ao que você tem, então, anteriormente como eu tinha falado já em relação às pessoas falarem comigo e eu calar a boca, hoje em dia eu já tenho essa fala, então você falar, você ter aquela ideia que você pode responder uma prova, você pode responder um trabalho, você tem capacidade de escrever um artigo (JUCI, 2017).

De igual modo, Valdir e Monica compreendem esse processo da satisfação com a IC, essenciais para a melhora do rendimento, estar insatisfeito com seu corpo e com a auto-estima baixa apresenta um efeito inverso, ou seja, acaba atrapalhando nessa interação e no rendimento acadêmico:

Sim, sim, sim, é importante, na verdade estar bem com seu corpo, é também estar bem com seu psicológico. Se você não está bem com seu corpo influencia no seu psicológico e que também vai influenciar no seu rendimento de estudo, de concentração. (VALDIR, 2017).

Ao questionar a Monica se estar insatisfeita com o corpo atrapalhava no seu rendimento acadêmico, a estudante ressalta ser bastante impactada por essa questão, atrapalhando no seu aprendizado:

Acho que sim, quando você está bem consigo mesmo você também passa isso aos demais, então, você está insatisfeita com qualquer coisa, principalmente com seu corpo, você acaba passando para as pessoas que estão ao seu lado, então eu acho que influencia muito [...] Atrapalha, porque você fica ali pensando, fica o tempo todo ali pensando, você não consegue focar nos estudos, você fica pensando besteira, você acha que não tá bem e começa a fazer, a tomar coisas, tipo fazer uso de coisas que você nem sabe o que é pra poder ficar perfeita perante as pessoas, ao que os outros acham de você, atrapalha muito. (MONICA, 2017).

Portanto, a Academia tem um papel essencial ao aderir à proposta das Universidades Promotoras da Saúde. Investir nesse bem estar corporal é necessário e importante para tornar a Universidade um espaço potencializador de bem estar e prazer, “visto que ela pode influenciar na qualidade de vida de seus membros e da comunidade externa, contribuindo para o conhecimento e o reforço da cidadania” (MELLO; MOYSES; MOYSÉS, 2010, p. 685).

Universidades Promotoras de Saúde integram o comprometimento com a sociedade, em seu amplo aspecto, nas políticas e práticas universitárias, possuem potencial para contribuir com a saúde em três áreas distintas: criando ambientes de trabalho, aprendizagem e vivências saudáveis para estudantes e funcionários; ampliando a importância da saúde, promoção da saúde e da saúde pública no ensino e na pesquisa; e desenvolvendo alianças e parcerias para a promoção da saúde e atuação comunitária (MELLO; MOYSES; MOYSÉS, 2010).

Outro aspecto observado no estudo aponta as microfísicas do poder no cotidiano universitário (FOUCAULT, 2002), de forma sutil e velada os sujeitos

constroem suas relações de prestígio. Esse poder está exposto de formas diversas e muitas vezes invisibilizado, uma das estratégias observadas vai de encontro a construção da IC no cotidiano acadêmico. Dentre as formas de poder constituído e sutil, as “*brincadeiras foram bastante evidentes*”, aparentemente inofensivas, mas na sua essência são estratégias minuciosas de inferiorizar, estigmatizar e manter o *status quo* (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Essa problemática fica explícita:

Sempre tem aquelas rodas de conversas que você acaba criticando o colega, talvez por brincadeira, ou um fundo de verdade. Ou você vê determinada pessoa e pô aquele cara ali, então, acaba que sempre rola isso. É meio complicado desconstruir isso, o ser humano é crítico, eu sou muito crítico. Eu me considero uma pessoa muito crítica. Às vezes positiva e negativa então você acaba falando de uma pessoa. Você acaba assim como as pessoas falam de você, então é uma mão dupla. A sociedade acaba lhe transformando nisso. Os meios que você vive acabam adquirindo esses costumes. Esses maus costumes (ROBERTO, 2017).

De igual modo, a brincadeira parece naturalizar-se nos diferentes espaços universitários, essa estratégia na maioria das vezes acaba constringendo e interferindo no rendimento acadêmico e na interação com os colegas. O ato de brincar com o corpo do outro, com as características físicas, mesmo que em muitos casos a intenção não seja de afetar negativamente, geralmente acaba causando momentos de sofrimento para quem é vítima, principalmente se ele for feito de um grupo para uma pessoa:

Como eu lhe disse em relação a preconceito não, talvez tenha aquela parte da brincadeira, né? Talvez, não sei se a brincadeira acaba influenciando pro lado errado. Pelo que eu pude perceber a brincadeira, a pessoa, até ele mesmo já fazia com seu próprio corpo, mas nada que eu ache que esteja influenciando no rendimento dele (VALDIR, 2017).

Ao questioná-lo se não notava nenhum desconforto por parte de seu colega mesmo sendo “brincadeira”, o estudante afirma que nesse processo a própria vítima entrava no “jogo”, no entanto, o constrangimento é evidenciado.

Não, que ele mesmo também entrava na brincadeira, gostava na brincadeira, fazia a própria brincadeira do próprio corpo dele também né? Então no momento de descontração ali da brincadeira, ele também brincava, falava que era gordinho, num sei o que e tal, então, não via nenhum sentimento dele dessa mudança (VALDIR, 2017).

Ao observarmos com profundidade esse trecho, a brincadeira carregada de um suposto sentimento de inofensividade, acaba funcionando como uma estratégia de afetar a auto-estima dos estudantes, nessa construção do corpo. Apontar o outro como inferior ou fora do padrão de beleza configura como um ato que carrega no seu íntimo um sentido e uma intencionalidade bem definida. Monica evidencia essa preocupação, ao ser questionada se já se sentiu constrangida por alguma crítica proferida por alguma colega:

É! Já, pelas pessoas ficarem assim falando, até aqui na universidade mesmo, há você é magra, você tá mais magra. Ontem mesmo as meninas falaram, você tá mais magra não sei o que. O tempo todo fica sabe falando com piadas assim que diversas vezes é brincadeira, mas às vezes acaba sendo sério. Eles falam realmente assim, você tá muito magra, quando eu vou pra casa mesmo as pessoas “Ah emagreceu mais, umbora botar mais um corpo, não sei o que “(MONICA, 2017).

É preocupante observar o quanto esse tipo de brincadeira incomoda essa estudante. Por mais que as pessoas que a praticam tenham intencionalidades diversas, em muitas situações acabam por afetá-la, esse processo de repetição e cobrança por mudanças de suas características físicas gera um sofrimento constante. Nesse contexto, Goffman (2004), com o conceito de estigma, ajuda-nos a compreender essa dinâmica, ao afirmar fatores fundamentais, envolvendo um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. Primeiro, define-se um fator “anormal”, depois enquadra aquela característica como inferior e que se deve manter um afastamento. Durante o contato misto (estigmatizados e normais), é bem provável que o indivíduo estigmatizado sinta que está em exibição. As diversas formas de brincar e da tentativa de a todo custo afirmar uma característica física como anormal, configura esse aspecto de impedir uma relação harmoniosa e saudável do estudante com seu corpo. Esta construção do eu com o mundo social, do interjogo constante entre o que vejo no espelho e os anseios da sociedade, objetiva criar oscilações que dificulta a aceitação do próprio corpo.

Portanto, as repetições de brincadeiras no ambiente universitário devem estar permeadas de reflexões profundas, pois fica evidenciado que não se trata de uma relação imparcial e inofensiva, mas carregada de sentidos que é utilizada como estratégia para manter os preconceitos e alimentar as desigualdades e discriminação, um olhar mais atento e uma vigilância constante são ferramentas

essências na formação de uma Universidade com mais equidade e de valorização das múltiplas belezas.

6.3 A ETNOMETODOLOGIA DOS CORPOS

Os estudantes universitários, nas interações com seu corpo e com o corpo do outro, demonstram que não são “idiotas culturais”, antes eles apresentam suas intencionalidades no fazer cotidiano como afirmava Garfinkel (COULON, 1995). Nessa problemática de corpo e (des)construção da IC, o que por aqui apresentamos de diferente nos achados é a utilização de estratégias de valorização do corpo. Na fala da discente fica evidente seu senso crítico diante da busca incessante por um corpo dentro dos padrões de beleza, nesse sentido, ela entende como o mecanismo impositivo funciona:

O bonito é relativo. É complicado porque eu acho que o bonito é o que é imposto pela sociedade, as pessoas impõem: Ah o bonito é isso, tipo homem é assim alto, são os padrões que a sociedade impõe, sei lá eu não tenho essa coisa de bonito (MONICA, 2017).

Diante disso, Foucault (2002) aponta a necessidade dos “efeitos de contra poder”, ou seja, a capacidade de luta contra um padrão hegemônico, da quebra de paradigmas construídos e alicerçados sobre uma base de consumo e poder, a genealogia de saberes construídos nos sujeitos e nos grupos na universidade cria esse alicerce forte na luta da valorização das diferentes construções de beleza. Ficam evidentes esses novos modos de entender o corpo e a construção positiva da IC na fala de uma universitária:

Eu me sinto melhor com meu corpo, porque tive conhecimentos nele, eu procurei, encontrei caminhos que me fizeram gostar de mim mesmo. E também quando você entra na universidade as pessoas já ficam com um olhar pra você, agora eu sou a menina negra que está fazendo alguma coisa da vida (JUCI, 2017).

Além disso, é notória a importância da construção de uma rede de solidariedade ao longo do percurso acadêmico, empoderando-se e estando ciente de que sua força intimida comentários e atitudes discriminatórias no espaço acadêmico. Esses encontros de caminhos dizem muito do percurso acadêmico de

cada estudante. Diante disso, os estudos sobre permanência simbólica e material segundo Reis (2009) compreendem dois modos distintos, sendo que o primeiro aponta as condições de subsistência do estudante, o segundo, do sentimento de pertencimento e aceitação do discente no espaço universitário. Esses aspectos muito influenciam no percurso acadêmico e nas formas de enfrentar os desafios e criar etnométodos de prazer e satisfação com o corpo.

Outra dimensão importante nesse movimento constante com o corpo e do processo de (des)construção da IC vai ao encontro do conceito de Insubmissão. Martins e Altmann (2007) afirmam que, ao preconizar dimensões mais criativas e críticas, possibilita o rompimento dessa visão mercadológica e consumista do corpo. Os estudantes mencionam esse constante processo de luta contra o movimento hegemônico de um padrão de beleza, ao mesmo modo, reconhecem a importância da Universidade nesse processo:

A nossa Universidade busca essa diferenciação, essa diversidade, acho que tem muito isso de diversidade, seja pobre, seja preto, seja gordo, magro. Na sociedade a gente ainda sofre muito disso, e acho que ainda a gente vai sofrer por muitas décadas. Porque é uma coisa que vem de cima e as pessoas ainda acompanham muito a mídia, a televisão, principalmente, as emissoras principais, então não é trabalhado isso[...] Depois da universidade você acaba tendo um pensamento diferente em relação a tudo. Principalmente essa questão da diversidade, do corpo, da estética, da beleza. Então, a beleza é muito relativa. O que é bonito pra você não vai ser bonito pra mim. Tem pessoas que não é tão bonita visualmente, esteticamente, mas a conversa com a pessoa a torna mais bonita do que outra pessoa bonita que seja fútil, ou que seja arrogante, chato de conversar. Então, a universidade, ela vai na contra mão da sociedade sim (ROBERTO, 2017).

No entanto, da mesma forma que o espaço acadêmico potencializa o respeito à diversidade e a construção positiva do corpo, ela, carregada de um processo histórico de acesso a uma pequena maioria privilegiada da classe burguesa de nossa sociedade, ao se deparar com a inserção de novos estudantes e de realidades completamente diferentes, soa como uma ameaça à manutenção de privilégios, ou seja, o que o Coletivo de Autores (1992) vai chamar de manutenção do *status quo*. Nesse aspecto, o estudo aponta o estigma imposto que são características depreciativas direcionadas a uma pessoa ou um grupo acerca de suas características físicas, origem, raça e toda forma de enquadramento de um indivíduo em uma classificação de inferior e menor. Diante disso, dentre vários

caminhos, dois merecem destaque nessa discussão, um grupo de estudantes assume a postura de vítima, se escondendo atrás do atributo depreciado, já o outro, busca superação das barreiras impostas pelo estigma, tendendo a dominar áreas consideradas inacessíveis a pessoas com seu atributo (GOFFMAN, 2004). Os discentes sinalizam esse movimento constante do corpo pensante, crítico e criativo, capaz de construir estratégias sólidas para burlar, modificar e inverter a lógica de um padrão ideal de beleza. Portanto, essa visão etnometodológica do corpo surge para comprovar que nas micro relações os estudantes utilizam de movimentos de contra poder, ou de reativação dos saberes locais e menores, nesse sentido o conceito vem para afirmar que são nessas relações, na esfera mais imbricada da sociedade e do espaço universitário, que as transformações acontecem. Nesse trânsito, o protagonismo é notado no cotidiano universitário no que se refere a (des)construção da IC.

Em outro movimento do corpo pensante, constata-se o empoderamento, este é um conceito bastante presente nas discussões de promoção da saúde. Dois aspectos são importantes destacar, o empoderamento psicológico que diz muito da tomada de consciência do indivíduo e da busca de seus direitos na sociedade e o empoderamento comunitário, observado a partir da mobilização grupal em ações que são tomadas a fim de melhorar o ambiente que se vive (CARVALHO, 2004). Portanto, no espaço acadêmico torna-se vital a busca pela autonomia do estudante durante seu itinerário formativo, por meio de vivências diversificadas nos diferentes espaços universitários, englobando, projetos de pesquisa, extensão, monitoria, eventos, disciplinas optativas e etc, bem como as alianças e articulações que são organizadas para formação de grupos que demandam por melhorias do bem comum. Juci vem colaborar com essa questão, ao mencionar a importância que a universidade traz no seu processo de formação.

Hoje eu me acho linda e maravilhosa. O meu corpo, ele começou a se construir aos poucos, então, de um ano pra cá, eu já me vi de outra forma do que eu me via antes. Hoje eu já me sinto melhor em vestir roupas, em vestir short curto, em vestir blusa. Eu sempre tive muita dificuldade em relação com meu peito, por exemplo, entendeu? Por conta de não ter peito, essa coisa toda. Então, eu sempre senti dificuldade em ficar sem sutiã de bojo, em ficar vindo pra universidade com roupas curtas, todas essas relações eu tive muitas dificuldades há um ano atrás, mas, agora eu me sinto muito bem com ele, eu já tenho uma auto estima elevada, apesar de tudo. Então, eu tô no PET há quase três anos, logo no início que eu entrei no projeto não foi uma mudança muito radical, não foi aquela mudança que

you feel right from the moment you enter the PET, then, I entered the research project in 2013 and from that day on, I entered the project and people are already starting to have this knowledge, all this knowledge (JUCI, 2017).

Besides this, being aware of your rights is essential, especially in the university space where there is a correlation of forces and of "hegemony of bodies", the beauty standard observed in the academic space configures itself as the white, strong, straight hair and etc. To break with this everyday conception, students who are on the margin of this predominant standard must organize themselves in networks of strengthening, study groups, extension projects, spaces of solidarity, Academic Directories, constituted groups and other movements that strengthen the most vulnerable (REIS, 2012).

Despite the various challenges that Higher Education presents in relation to the body and the (de)construction of IC, students create and recreate various ethnomethods to live the academic space, in the midst of turbulent and full of conflicts, satisfaction and dissatisfaction with IC, in which being in the University is more valuable than any obstacle on the way. In the own prelection of academics is clear this enchantment with the new (SOUZA, 2016). In these new experiences lived in higher education, a student points to the importance of opening these paths:

Caminhos, eu acho que é esses caminhos para a descoberta sabe? Tipo, eu antigamente achava que a universidade estava ali estagnada, tipo eu iria fazer a faculdade e depois iria pra sala de aula. Mas, hoje eu vejo que existem vários caminhos que eu posso ter. Eu posso estar na sala de aula, posso ir pro mestrado, posso sei lá fazer um doutorado, posso ir viajar pelo mundo, então a Universidade abriu muito meus olhos pra ver o que eu posso fazer de minha vida. Que eu não sou só uma coisa que vai ficar parada, ou trabalhando no comércio, ou trabalhando com meus pais. Eu tenho possibilidades do mundo, então eu acho que a universidade é isso, é abrir os olhos (JUCI, 2017).

In the same way, Monica points to the importance of approval, a moment always desired. Independently of the conflictual relationship that she is facing in relation to her body, in the process of acceptance of herself, in this period of one and a half years, when talking about the pleasure of being in the academy it seems that all the challenges become smaller in front of the realization of a dream of hers and of her family:

Realização de um sonho, não só meu né? a realização de um sonho de toda a minha família. Porque tá aqui era uma coisa assim, eu nem mensurava estar, em nem pensava em estar e foi uma coisa que eu tive que desistir de muitas coisas pra poder vim pra cá. Então, foi algo assim bem louco. Pra mim é algo que eu realmente queria e que de certa forma a muito tempo eu não tava conseguindo almejar e aí eu tive que realmente desistir pra poder conseguir. Então é muito bom! (MONICA, 2017).

Valdir e Roberto partem para a valorização do conhecimento e do futuro, aspectos estes imprescindíveis na estimulação da crítica aos padrões midiáticos de construção da beleza:

Representa conhecimento, representa futuro, representa sabedoria, representa respeito (VALDIR, 2017). Busca do conhecimento, a progressão para o futuro, a progressão pessoal e profissional, então pensando a universidade representa pra mim futuramente uma profissão, um status social, um nível de conhecimento maior (ROBERTO, 2017).

Diante dessas trajetórias de vida que entendem o espaço universitário como dinâmico, aberto para o novo e repleto de aventuras durante seu percurso (BUARQUE, 2000), surge a necessidade de juntar, somar forças, romper com a frieza da Modernidade Líquida, como afirma Bauman (2004), essa dinâmica social onde nada é sólido, gera sujeitos frágeis e reféns de suas relações superficiais. Na universidade, espaço esse rico de diversidade deve imperar o acolhimento, a aceitação das diferenças e a valorização dos diferentes tipos de beleza.

Dentre os vários etnométodos utilizados para sentir prazer com o corpo e construir uma IC positiva, destacamos que os estudantes criam, recriam e desconstroem sua IC, ora aceitando sua condição, em outros momentos buscando soluções para a insatisfação por meio da atividade física em especial nas academias, utilizando acessórios de beleza como maquiagens, roupas diversificadas, fortalecendo sua identidade em grupos pares ou ímpares na universidade. Além disso, esse cotidiano universitário possibilita um percurso cíclico, de idas e vindas, encontros e desencontros, satisfações e insatisfações, alegrias e tristezas. Reafirmando que, no processo de construção, os atores pensantes se desconstroem e se refazem diante das diferentes vivências e desafios com seu corpo e com o corpo do outro, possibilitando um percurso de experiências que fortalecem os laços enquanto sujeitos protagonistas de sua história.

7. CONSIDERAÇÕES

Após um percurso de grandes aventuras, desde a abordagem da construção histórica da IC e do corpo, compreendendo as diferentes fases da história, desde Grécia, Roma, Idade Média, Renascimento, Revolução Industrial, Modernidade e Pós-modernidade, fazendo um mapeamento de como se deram as pesquisas na área. Além disso, foram apresentados os principais estudos acerca da (in)satisfação com a IC em estudantes universitários nos últimos vinte anos.

Dentre os principais achados, notou-se que a insatisfação com a IC é evidenciada nos estudantes desde a Educação Básica se prolongando até o Ensino Superior. Entre as principais causas de constrangimento ao corpo estão as críticas em relação às características físicas (orelha, cabelo, magreza, excesso de peso). Além disso, o racismo velado e suas problemáticas foram explicitados, principalmente no que se relaciona ao cabelo crespo e o processo arduo para que os estudantes universitários aceitem sua identidade e se afirmem através do empoderamento do negro e de outros grupos identitários na Universidade.

Além disso, parece existir uma relação conflituosa entre as estudantes universitárias em relação à crítica ao corpo da outra e a necessidade de articulação na busca de uma mudança nessa relação patriarcal. Outro fator observado são as brincadeiras veladas que acabam atingindo a auto-estima e satisfação com o corpo dos acadêmicos. Foi possível observar que estar satisfeito com a IC contribui no processo de interação com os colegas e no rendimento acadêmico. Além disso, dois sentidos foram atribuídos pelos estudantes no que se refere à influência que a universidade exerce/exerceu sobre a (des)construção da sua IC. Estar no ensino superior para uma parte dos investigados não alterou a visão em relação ao seu corpo, por outro lado, sentiram-se mais satisfeitos com sua IC em virtude das discussões vivenciadas no processo formativo durante o período da graduação.

Finalmente observou-se que os acadêmicos constroem uma Etnometodologia dos corpos. Ou seja, os estudantes a todo instante criam estratégias para se inserir na universidade, serem aceitos e respeitados nas suas singularidades, apropriando-se de modos de ser e fazer intencionalizados que os colocam na condição de seres pensantes, reflexivos, críticos de suas realidades sociais e acadêmicas, sendo

capazes de modificar, adaptar e refletir sobre seus itinerários formativos. Nesse movimento constante do sujeito com seu corpo, não sendo meros reprodutores de um padrão de beleza hegemônico, mas, protagonistas de suas histórias e da (des)construções de seus corpos.

Ao trazer para o debate a construção da IC e seus reflexos na universidade, torna-se importante observar os percursos acadêmicos (COULON, 2008), nesse sentido compreende-se que a UFRB possui suas peculiaridades e diferenças em relação a outras universidades. Assim, como o processo universitário é conflituoso e se modifica ao longo do período de permanência na graduação, a IC também se (re)constrói a todo o momento, inclusive ela se modifica conforme as experiências do sujeito ao longo de sua vida (TAVARES, 2003, p. 36). Por isso, cabe destacar que hoje as universidades não possuem as mesmas características que no passado, essa nova diversidade de estudantes oriundos das cotas que adentraram o ensino superior traz com ela desafios em vários aspectos, dentre eles, a relação com o seu corpo, pois com eles vêm suas histórias e resistências e um olhar crítico nesse sentido é importante para garantia de direitos durante a formação acadêmica

Portanto, ao mesmo tempo em que estamos em um espaço privilegiado de poder-saber e construímos etnométodos de nossos corpos (FOUCAULT, 2002), somos submetidos a padrões impostos culturalmente que, em muitos casos, acaba ocasionando uma insatisfação que eleva seus níveis na graduação. Para romper com esse ciclo, os estudantes devem conseguir estar-permanecer no espaço acadêmico de forma a lhes ser possibilitado qualificação nos seus múltiplos sentidos, desde condições financeiras, criação de ciclos de amizade, acesso a espaços de cultura, esporte e lazer e experiências que possibilitem o aumento do intelecto artístico. Ser reconhecido, ser visto pelo outro é a condição de existência simbólica, eu só existo se o outro me reconhece. E se o outro me reconhece como legítimo, aumentam as minhas chances de fazer parte, de estar junto, me sentir satisfeito (REIS, 2012). Portanto, romper com as barreiras hegemônicas do que é belo torna-se essencial, visto que é necessário um olhar mais atento das universidades em possibilitar a valorização de diferentes identidades e que as mesmas sejam capazes de se firmar e se mostrar, servindo a diferença não para inferiorizar, mas para agregar, transformar, empoderar e compartilhar a vida e as singularidades que são vivenciadas em cada corpo.

Retomando os objetivos iniciais desse trabalho de analisar como o corpo é (des)construído no cotidiano universitário do CFP, nota-se que o espaço acadêmico repleto de novas percepções de vida e de referências de corpo e identidade transforma o modo de ser e estar dos sujeitos. Parece que isso acontece devido à interdisciplinaridade que gira em torno da IC, ela não é estanque e nem isolada, mas se modifica conforme as experiências vão sendo vivenciadas” (TAVARES, 2003, p. 36). Associar percurso acadêmico com processos de (des)construção da IC torna-se necessário, principalmente porque o espaço acadêmico nos seus diferentes estágios não vem dando conta de modificar o quadro de insatisfação entre os acadêmicos.

Diante disso, a IC, construto esse multifatorial que abrange aspectos sociais, biológicos, psicológicos e culturais, deve continuar suscitando discussões, pois políticas de promoção da saúde voltadas a esse público a fim de estimular a valorização das multirreferencialidades de beleza são necessárias. Além da urgência de uma maior visibilidade das pesquisas qualitativas nessa área, objetivando estimular novos caminhos e respostas acerca dessa problemática que, devido às suas proporções, já se tornou um caso de saúde pública.

Ao chegarmos até aqui, muitos diálogos foram feitos, com os estudiosos da área, os estudantes e os pesquisadores desse trabalho, entrelaçando-se as concepções e história de vida dos atores sociais. Esse processo denso e instigante foi importante para obtenção das reflexões aqui apresentadas, não encerrando essa problemática com um fim, mas com a abertura de novos questionamentos e possibilidades de outros olhares acerca desse universo do corpo e da IC em estudantes universitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, G. R. Physical Attractiveness Research: toward a Development Social Psychology of Beauty. *Human development, Utah*, v. 20, p. 217-239, 1977.

AERTS, D. R. G. C.; CHINAZZO, H; SANTOS, J.A.M ; OSEROW, N . Percepção da imagem corporal de adolescentes escolares brancas e não brancas de escolas públicas do município de Gravataí, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 20, p. 363-372, 2011.

ALMEIDA, G. A. N.; SANTOS, J. E.; PASIAN, S. R.; LOUREIRO, S. R. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 27-35, 2005.

AL SABBAH, H.; VERERCKEN, C. A.; ELGAR, F. J.; NANSEL, T.; AASVEE, K.; ABDEEN, Z.; OJALA, K.; AHLUWALIA, N.; MAES, L. Body weight dissatisfaction and communication with parents among adolescents in 24 countries: international cross-sectional survey. *BMC Public Health*, v. 52, n. 9, 2009.

ALVARENGA, A. T.; PHILIPPI J. A.; SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M. S. ; FERNANDES, V. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: Arlindo Philippi Jr, Antônio J. Silva Neto. (Org.). *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. 1 ed. São Paulo: Manole, v. 1, p. 3-68, 2011.

ALVES, E. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n.3, p. 503-512, 2008.

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 547-554, 2005.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BAUER, M.W; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Tradução de GUARESCHI, P, A. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSI, M. L. M.; LUIZ, R. R.; UCHIMURA, K. Y. ; OLIVEIRA, F. P. Comportamento Alimentar e Imagem Corporal entre estudantes de educação física. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 01, p. 28-33. 2008.

BUARQUE, C. R. C. *A Aventura da Universidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 239p, 2000.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 236 p, 2003.

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de Educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. Revista de Saúde Pública. São Paulo, v. 31, n.2, p. 209-213, 1997.

CARVALHO, P. H. B.; FILGUEIRAS, J. F.; NEVES, C. M.; COELHO, F. D.; FERREIRA, M. E. C. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 108-114, 2013.

CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria "empowerment" no projeto de Promoção à Saúde. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, 2004.

CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. Body images: development, deviance and change. New York: The Guilford Press, 1990.

CHASSOT, A. I. Escrever diários como uma forma de colecionismo. Episteme (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 10, n.20, p. 55-70, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

COQUEIRO, R. S.; PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; BARBOSA, A. R. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 30, n. 01, p. 31-38, 2008.

CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. A história do corpo: Da Renascença às luzes. Tradução de Lúcia M.E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves – 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 616 p, 2010.

COULON, A. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, 1995.

COULON, Alain. A Condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

CUNHA, S.M; CARRILHO, D.M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. Psicol. esc. educ Campinas, v. 9, n. 2, p. 215-224, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 abr. 2017.

CURY. A.J. A ditadura da beleza e a revolução das mulheres. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: tradução de Vera Vieira, Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

FERRARI, E. P; SILVA, D. A. S.; PETROSKI, E. L. Associação entre percepção da imagem corporal e estágios de mudança de comportamento em acadêmicos de Educação Física. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, Florianópolis, v. 14, n. 5, p. 535-544, 2012.

FORT, M. C.; SKURA, I. ; BRISOLARA, C. B. C. Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016. v. 1. p. 1-15. 2016.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 16a Ed. Graal - RJ, 2002.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 6º ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. São Paulo: LTC, 4 ed,2004.

GOLDMAN, M. . Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. *Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia (São Paulo)* , São Paulo, v. 46, n.2, p. 445-476, 2004.GOMES, N. L. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, N.L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. In: UNESCO; MEC; ANPED. (Org.). *Educação como exercício de diversidade*. 1ed.Brasília: UNESCO, MEC/SECAD, ANPED, 2002.

GOMES, N.L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa (USP)*, São Paulo, v. 29, n.1, p. 167-182, 2003.

GOMES, R. A.; SIQUEIRA, M.M.M. Inteligência emocional de estudantes universitários. *Psicólogo Informação*, v. 14, p. 29-43, 2010.

GONÇALVES, A. Diferenças de estilos de vida entre populações jovens de meio rural (Boticas) e de meio urbano (Braga): Análise de concepções de valores e de práticas. *Dissertação (Mestrado Em Estudos de Criança- Promoção da Saúde e do Meio Ambiente)- Universidade de Minho-Braga*. Portugal. 162f, 2004.

GONCALVES, T. D.; BARBOSA, M. P.; ROSA, L. C. L.; RODRIGUES, A. M. Comportamento anoréxico e percepção corporal em universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 03, p. 166-170, 2008.

KAKESHITA, I. S.; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 497-504, 2006.

KANNO, P. S.; CUSTODIO, M. R. M.; MELO, G. F.; GIAVONI, A. Discrepâncias na imagem corporal e na dieta de obesos. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 21, n. 4, p. 424-430, 2008.

KAUFMANN, J.C. A entrevista compreensiva: Um guia para pesquisa de campo, tradução de FLORENCIO, L.A.T. Petrópolis-RJ: Vozes, Maceió, AL: Edufal, 2013.

KUNZ,E..Ministério da Saúde adverte: Viver é Prejudicial à Saúde. In: Bagrichevsky,Marcos;Estevão,Adriana;Palma, Alexandre. (Org.). A Saúde em Debate na Educação Física Volume 3. 1ed.Ilhéus, BA: Editora Editus, 2007, v. 03, p. 173-186.

LORDE, A. As Ferramentas do Mestre Nunca Desmantelarão a Casa do Mestre, in: Irmã estranha: ensaios e discursos. Nova Iorque: The Crossing Press Feminist Series, p. 110-113. 1984.

LÜDORF, S.M.A. Concepções de corpo na graduação em educação física: um estudo preliminar com professores Revista Digital - Buenos Aires - Año 9 - N° 66 - Noviembre de 2003. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd66/corpo.htm>>. Acesso em 20 de abril de 2017.

MARTINS, C.J; ALTMANN, H. A construção histórica de ideais de corpos masculinos e femininos. In: BAGRICHEVSKY, M; ESTEVAO, A; PALMA, A. (Org.). A Saúde em Debate na Educação Física Volume 3. Ilhéus: Editus, v. 3, p. 23-38. 2007.

MARTINS, C. R.; GORDIA, A. P.; SILVA, D. A. S.; QUADROS, T. M. B.; FERRARI, E. P.; TEIXEIRA, D. M.; PETROSKI, E. L. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em universitários. Estudos de Psicologia, v. 17, N. 02, p. 241-246, 2012.

MARTINELLI, T.A.P; MILESKI, K.G . Concepções de 'corpo' na educação física: apontamentos históricos. In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

MELLO, A. L. S. F.; MOYSÉS, S. T.; MOYSÉS, S. J. A universidade promotora de saúde e as mudanças na formação profissional. Interface, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 683-692, 2010.

MIRANDA, V. P. N.; TEIXEIRA, P. C.; FILGUEIRAS, J. F.; NEVES, C. M.; FERREIRA, M. E. C. Insatisfação corporal em universitários de diferentes áreas de conhecimento. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 61, n. 01, p. 25-32, 2012.

MITO DE NARCISO: A FONTE DA VAIDADE. Disponível em:< http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf>. Acesso em 07 maio. 2017.

MORENO, B. S. ; POLATO, A.L. ; MACHADO, A.A . O aluno e seu corpo nas aulas de educação física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia. Movimento & Percepção (Online), Espírito Santo de Pinhal, v. 6, n.8, p. 85-104, 2006.

MORIN. E. A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUNANGA, K. Negritude e Identidade negra ou afrodescendentes: um racismo ao avesso? In: Encontro de Antropologia e Educação – Anais do I Seminário Municipal de Formação de Professores para Relações Étnico-Raciais. Ouro Preto, 2012.

NETO. P.P.; CAPONI, S. Medicalização da Aparência: os curiosos arranjos de um discurso científico da beleza. In: Marcos Bagrichevsky; Adriana Estevão; Alexandre Palma. (Org.). A Saúde em Debate na Educação Física Volume 3. Iled.Ilhéus-BA: Editus, v. , p. 105-120, 2007.

NORONHA, A. E.; DEUFEL, C. . Gordofobia: reflexões teóricas acerca do corpo na mídia na contemporaneidade. In: VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade; II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade; II Encontro Gênero e Diversidade na Escola, Juiz de Fora -MG. Center Gráfica e Editora, p. 626-628. 2014.

OLIVEIRA, S. A.; MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. Cadernos EBAPE.BR (FGV), v. 10, p. 129-145, 2012.

PELEGRINI, A.; PETROSKI, E. L. Antropometria e Imagem Corporal. In: PETROSKI, E. L.; CÂNDIDO, S. P. N.; GLANER, M. F. Biométrica. Jundiaí: Fontoura, p. 167-182. 2010.

QUADROS, T.M.B;GORDIA,A.P.; MARTINS, C.R.; SILVA, D.A.S.; FERRARI, E.P.; PETROSKI, E. L. Imagem corporal em universitários: associação com estado nutricional e sexo. Motriz, Rio Claro, v.16, n.1, p.78-85, 2010.

REIS. D.B.R. Cotas e Estratégias de Permanência no Ensino Superior. In: Robinson Moreira Tenório; Marcos Vieira. (Org.). Avaliação e Sociedade: a negociação como caminho. 1ed.Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 11-304, 2009.

REIS. D.B.R. CONTINUAR OU DESISTIR? Reflexões sobre as condições de permanência de estudantes negr@s na UFRB. In: SAMPAIO, SÔNIA M.R.; GONÇALVES, GEORGINA. (Org.). Observatório da Vida Estudantil: Estudos sobre a vida e cultura universitárias. 1ed.Salvador: Edufba, v. 1, p. 1-269, 2012.

RIBEIRO, A. R. N.; GORDIA, A. P. ; QUADROS, T. M. B. . Estudo de acompanhamento da imagem corporal de universitários durante os dois primeiros anos de graduação. LecturasEducación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 20, p. 1-6, 2016.

RIBEIRO, A.R.N; SANTOS, E.S; REIS, D.B. Espelho, Espelho Meu: uma análise da percepção da imagem corporal em estudantes de uma Escola do Município de Amargosa/BA: XIX Encontro Nacional de Grupos PET. 1ed, Rio Grande do Sul: UFSM, p. 1-5, 2014.

RIBEIRO, P. R. L.; TAVARES, M. C. G. C. F.; CAETANO, A. S. Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. *Psico-USF*, Itatiba, v. 17, n. 03, p. 379-386, 2012.

RIVERO, C. M. L.; Etnometodologia na pesquisa qualitativa em educação. *IMPULSO*, Piracicaba - SP, v. 09, p. 113 - 125, 30 nov. 1995.

SAMPAIO, S.M.R. Observatório da Vida Estudantil: Primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011.

SANTOS, G. G.; XAVIER, C. O.; BRITO, L. M. Itinerários de Jovens Universitários no Recôncavo da Bahia. In: *II Colóquio Internacional do Observatório da Vida Estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude*, 2012.

SANTOS, N.R.B.; FERREIRA, R. A. Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015.

SCHILDER, P. A imagem do corpo: as energias construtivas da psique. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHMIDT, M. F. R A Europa Medieval. In: SCHMIDT, M. F. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, v 04, p. 20-34. 2001

SCHMIDT, M. F. Revolução Industrial. In: SCHMIDT, M. F. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, p. 306-315, 2008.

.SÍCOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. R. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. *Interface (Botucatu. Impresso)*, Botucatu - Unesp, v. 7, n.12, p. 101-122, 2003.

SILVA, D. A. S.; NAHAS, M. V. S.; DEL DUCA, G. F. P. Prevalence and associated factors with body image dissatisfaction among adults in southern Brazil: a population-based study. *BodyImage*, v. 8, n. 04, p. 427-431, 2011.

SILVA, M. C. R.; VENDRAMINI, C. M. M. Autoconceito e Desempenho de Universitários na disciplina Estatística. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 9, n. 02, p. 261-268, 2005.

SIQUEIRA, M.M.M; PADOVAN; VALQUÍRIA, A R . Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, v. 24, p. 201-209, 2008.

SOUZA, G.K. A; REIS, D.B; SAMPAIO, S.M.R. Pesquisa e afiliação estudantil: A permanência de estudantes de camadas populares na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Programa de Pós-graduação em estudos interdisciplinares sobre a universidade. UFBA. Dissertação de mestrado. Salvador, 2016.

STEPHAN, Y.; FOUQUEREAU, E.; FERNANDEZ, A. Body satisfaction and retirement satisfaction: the mediational role of subjective health. *Aging and Mental Health*, v. 12, n. 3, p. 374-381, 2008.

TAVARES, M. C. G. C. F. . *Imagem Corporal - Conceitos e Desenvolvimento*. Barueri: Manole, 2003.

UFRB. *Caminhos, Histórias e Memórias*-. 1ª ed. Cruz das Almas-BA, 113p. 2010.

WATKINS, G.J. Alisando o meu cabelo, Instituto da Mulher Negra. 2005. Disponível em <http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em 30 de abril de 2017.

UBINHA, P. T. Narcisismo: polimorfismo das versões e das interpretações psicanalíticas do mito. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 20, n. 03, p. 69-81, 2003.

UFBA. Disponível em < <http://www.eisu.ihac.ufba.br/apresentacao>>. Acesso em 01 de maio de 2017.

UFRB. Disponível em <http://www1.ufrb.edu.br/cfp/equipe>. Acesso em 24 de mar de 2016.

VILLACA, N. M. S.; GÓES, F. *Em Nome do Corpo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda. v. 1. 224p, 1998.

WOLF, N. *O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são usados Contra as Mulheres*: Tradução de Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE ARTES, HUMANIDADES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A
UNIVERSIDADE

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

DADOS GERAIS

NOME _____
ANO DE NASCIMENTO ____/____/_____
LOCAL DE NASCIMENTO _____
CIDADE ONDE MORA _____
RURAL OU URBANO _____
AUTO-DECLARAÇÃO DA COR/RAÇA _____
GENERO _____
COTISTA: _____
SIM () NÃO () _____
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE _____
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI _____

DADOS NA UNIVERSIDADE

CURSO _____
SEMESTRE DE INGRESSO _____

TÓPICO GUIA

BLOCO 1- EXPERIENCIANDO SITUAÇÕES CONSTRANGEDORAS NA UNIVERSIDADE

- 1.1 Fale um pouco da sua relação com seu corpo, você se acha bonito (a)? Já se sentiu insatisfeito (a) com seu corpo? Por quê? Fez algo pra mudar?
- 1.2 Você já foi pressionado (a) a mudar sua aparência? Como? Por quê? Isso foi bom pra você?
- 1.3 Algo em você te incomoda? O que não gosta em sua aparência
- 1.4 O que vem a mente quando você pensa em uma pessoa bonita? Você se incluía nela?
- 1.5 Lembre-se de momentos em que se sentiu mal com seu corpo, o que fez para mudar esse sentimento?
- 1.6 Já sofreu constrangimento ou alguma crítica pela sua aparência no ambiente universitário? Poderia falar sobre esse ocorrido? Como vc reagiu?
- 1.7 Você viu/ presenciou/soube algum de seus colegas situação de impedimento de participar de alguma atividade acadêmica pela sua aparência? Conte-nos sobre isso?
- 1.8 Já vivenciou ou sofreu alguma situação constrangedora advinda de algum colega ou professor na universidade em relação a sua estética?

Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA **IHAC**
INSTITUTO DE ARTES, HUMANIDADES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A
UNIVERSIDADE

- 1.9 Você já sofreu discriminação na universidade? De que tipo? Quantas vezes? Por quem? Conte-nos o episódio, como procedeu?

BLOCO 2- CONTRIBUIÇÕES DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO POSITIVA DA IC - ACEITAÇÃO DO CORPO- EMPODERAMENTO

- 2.1 Em relação à universidade esse tempo que está aqui acha que ela te ajudou em relação à aceitação do seu corpo?
- 2.2 Quando pensa na sua graduação entende que esse processo foi importante ou não para aceitação do seu corpo?
- 2.3 E antes da universidade?
- 2.4 Você acha que a universidade ajuda no respeito ao seu corpo e ao corpo do outro? Como é isso?
- 2.5 A universidade contribui na valorização das múltiplas belezas? O que pensa sobre?
- 2.6 No dia a dia o que observa na universidade em relação às discussões sobre corpo, estética, padrão de beleza? Fale-nos mais sobre isso?
- 2.7 Depois que entrou na universidade se sente mais feliz com seu corpo?
- 2.8 Estar na universidade representa para você?
- 2.9 Você conhece grupos ou participa de algum na universidade que se detém a estudar Imagem corporal, corpo, estética, padrão de beleza? Se sim quais? Qual a sua importância?
- 2.10 Você costuma manipular sua aparência para ficar mais parecido com seus colegas, Por quê?
- 2.11 Comparando o início do seu curso e agora notou alguma diferença na sua auto-estima? Se sente melhor ou não? Por quê?

BLOCO 3- PERCEPÇÃO DA IC INFLUENCIANDO NA VIVÊNCIA ACADÊMICA (INTERAÇÃO COM OS COLEGAS E RENDIMENTO ACADÊMICO)

- 3.1 Se sentir satisfeita ou insatisfeita interferiu no seu rendimento acadêmico. Por quê? O que você tem feito para modificar isso?
- 3.2 Os sentimentos em relação ao seu corpo te ajudam na interação com os colegas?
- 3.3 Estar bem com seu corpo é importante para seu rendimento acadêmico? Por quê?
- 3.4 Estar bem com seu corpo é importante para sua interação com os colegas? Por quê?
- 3.5 Já presenciou críticas no espaço acadêmico em relação à aparência de outra pessoa? Como foi isso? Qual foi sua reação? Quais foram suas estratégias de enfrentamento?
- 3.6 Em relação a seus colegas, eles sofrem algum preconceito em relação ao seu corpo? Fale-nos sobre isso.
- 3.7 O fato de ser negro-branco, homem- mulher interferiu na satisfação-insatisfação com seu corpo?
- 3.8 Você mudaria algo em seu corpo para se sentir aceita em determinados espaços na universidade?

Salvador, _____
Alexsandro Roberto W. Alves
Assinatura do Pesquisador responsável

2016

Assinatura do(a) orientador (a)

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor (a) está convidado para participar da pesquisa intitulada *Espelho, Espelho Meu: (Des) Construção da Imagem Corporal (IC) em Estudantes Universitários* que será realizada como proposta de defesa de dissertação de mestrado na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade. Esse estudo tem como objetivo compreender como se constrói cotidianamente a (in) satisfação com a IC dos estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de Professores (CFP).

Para esta pesquisa serão realizadas coletas das variáveis sociodemográficas, utilizando um questionário semi estruturado, contendo perguntas relacionadas à idade, estado civil, renda per capita, escolaridade dos pais, pertencente à zona rural ou urbana, autodeclaração da cor/raça, gênero, curso e ano de ingresso. Em seguida, será realizada uma entrevista em profundidade, contendo questões que possam dar conta de cumprir com os objetivos da pesquisa. As informações coletadas serão confidenciais e divulgadas apenas na Dissertação de mestrado, eventos e outras publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Esse TCLE será emitido em DUAS VIAS, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador, contendo a rubrica e assinatura em todas as páginas. Além disso, serão mantidos os dados da pesquisa em arquivo físico (Classificadores individuais, na sala 20, do Programa de Educação Tutorial: Acesso e Permanência de Estudantes Oriundos de comunidades Negras e Rurais no Ensino Superior, na UFRB-CFP, sob guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa de acordo com a Resolução 466/2012.

Espera-se com esse estudo de delineamento qualitativo benefícios diretos e indiretos no que se refere a compreender o que influencia os universitários estarem satisfeitos ou insatisfeitos com seu corpo, além de suscitar reflexões acerca das experiências vividas no cotidiano da vida universitária em relação à IC. A partir dos resultados da investigação apresentar propostas de políticas públicas a fim de contribuir com a aceitação do corpo e das múltiplas referencialidades de beleza de seus estudantes.

Esta pesquisa apresenta riscos leves para os investigados, pois, os sujeitos podem sentir desconforto, ansiedade, angústia e constrangimento ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais relacionadas às suas experiências com o corpo. Para minimizar os possíveis desconfortos o processo será realizado de forma explicativa, através da leitura do TCLE na íntegra, esclarecendo todas as dúvidas. Além disso, se o participante da pesquisa manifestar algum incômodo, a entrevista poderá ser pausada e retomada posteriormente, caso sinta-se a vontade para finalizá-la. A qualquer momento o participante da pesquisa poderá solicitar que sua fala não seja gravada, a fim de que o mesmo expresse sentimentos, emoções e opiniões sem ser constrangido. De toda forma o mesmo deve ser respeitado nas suas decisões, antes, durante e após as coletas, prevalecendo à relação ética da pesquisa e do pesquisador.

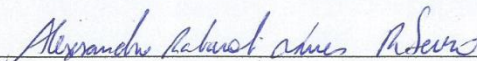
O participante de pesquisa tem direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo, segundo a Resolução CNS N° 466 de 2012 (item IV.3). De forma geral o estudo apresenta uma relação de baixo risco e possíveis benefícios, não existindo agravos, pois o mesmo não utilizará métodos experimentais e invasivos. Além disso, o pesquisador se compromete a tomar todos os cuidados possíveis para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Para garantir os procedimentos legais, a pesquisa será apreciada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que tem como principal atribuição o exame dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos. Como missão, elabora e atualiza as diretrizes e normas para a proteção dos sujeitos de pesquisa e coordena a rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições. O CEP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, existente nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pelo projeto será da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, situado na Rua: Basílio da Gama, s/n - Canela - Salvador/BA - CEP.: 40.110-040 TEL.: (71) 3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br. Horário de atendimento do comitê: segunda e quarta das 12:00 às 18:00 / terça, quinta e sexta das 08:00 às 14:00. Contato do pesquisador responsável: alexrabaioli@hotmail.com ou telefone (75) 99182-2281.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, após a leitura deste documento e oportunidade de conversar com o pesquisador, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito está suficientemente informado, ficando explícito que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância espontânea em participar deste estudo.



Assinatura do Pesquisador

Assinatura do participante de pesquisa

Salvador, 20 de dezembro de 2016

MUITO OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ESPELHO, ESPELHO MEU: (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Esta pesquisa de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade visa compreender ***Como se constrói cotidianamente a (in) satisfação com a Imagem Corporal (corpo) dos estudantes universitários do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.***

Os objetivos são:

- Investigar se e quais situações constrangedoras os estudantes experimentaram, em relação a seu corpo, no decorrer do curso;
- Compreender a importância da universidade no processo de construção da Imagem Corporal (aceitação do corpo);
- Identificar se a percepção da IC influenciou/a de forma positiva ou negativa no seu rendimento acadêmico e na interação com os colegas.

Os critérios iniciais de seleção dos entrevistados são:

- Ser estudante regularmente matriculado em um dos cursos da UFRB-CFP;
- Obs. Dentre outros critérios de seleção dos entrevistados será considerado (gênero, autodeclaração de cor/raça, área de concentração (humanas ou exatas), espaço geográfico (rural e urbano), idade e diferentes períodos que cursa a graduação.

Sua participação é muito importante para que possamos investigar aspectos peculiares da vida universitária, fator este que interfere na permanência simbólica/material e na qualidade de vida dos estudantes.

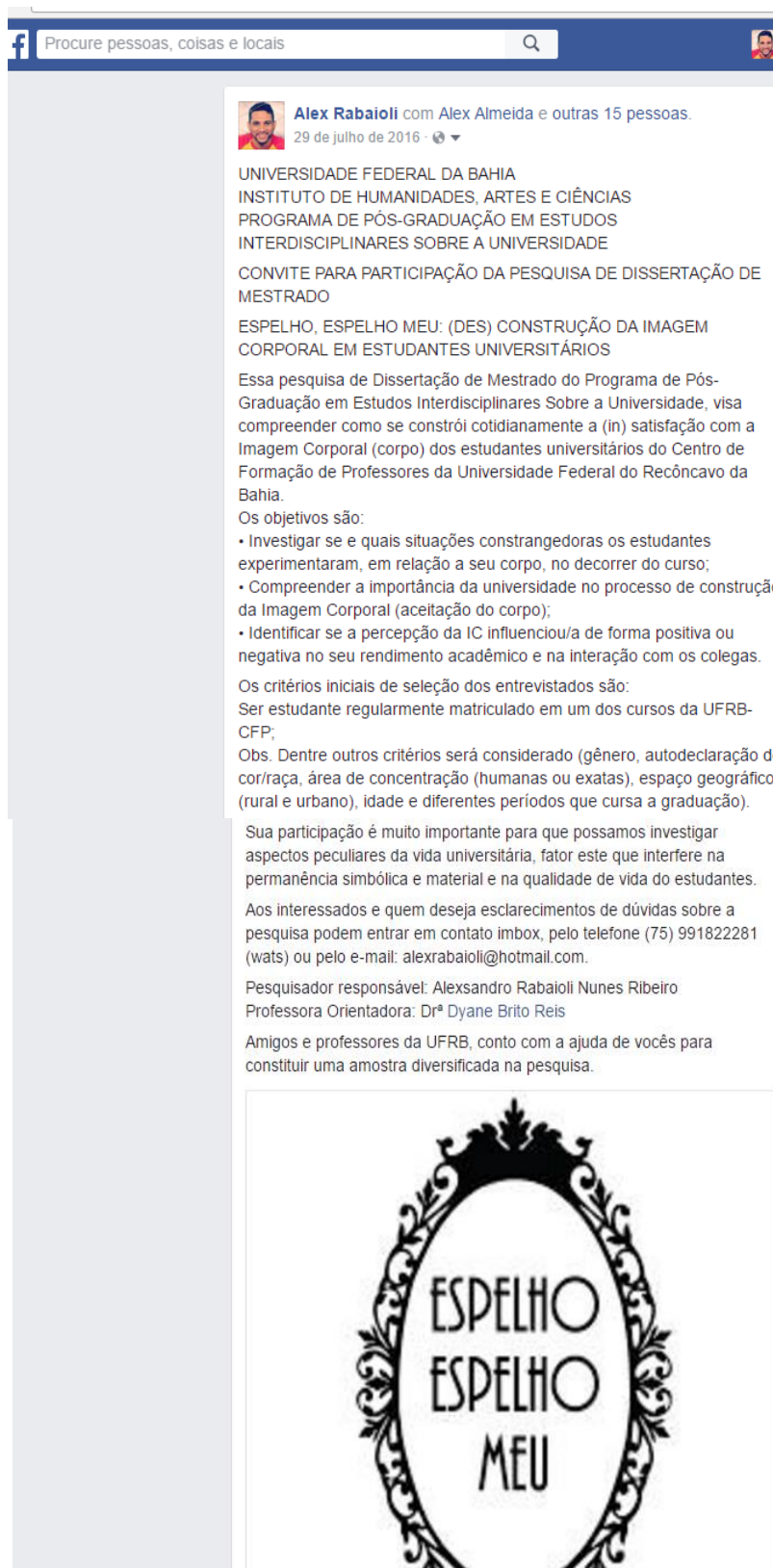
Aos interessados e que desejam esclarecimentos de dúvidas sobre a pesquisa podem entrar em contato pelo telefone **(75) 991822281** (wats) ou pelo email. alexrabaioli@hotmail.com.

Agradeço pela sua colaboração!

Alexsandro Rabaioli Nunes Ribeiro
Pesquisador responsável
SOBRE A UNIVERSIDADE

APÊNDICE D

CONVITE AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA NAS REDES SOCIAIS



Procurar pessoas, coisas e locais

Alex Rabioli com Alex Almeida e outras 15 pessoas.
29 de julho de 2016 · 🌐

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ESPELHO, ESPELHO MEU: (DES) CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Essa pesquisa de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, visa compreender como se constrói cotidianamente a (in) satisfação com a Imagem Corporal (corpo) dos estudantes universitários do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Os objetivos são:

- Investigar se e quais situações constrangedoras os estudantes experimentaram, em relação a seu corpo, no decorrer do curso;
- Compreender a importância da universidade no processo de construção da Imagem Corporal (aceitação do corpo);
- Identificar se a percepção da IC influenciou/a de forma positiva ou negativa no seu rendimento acadêmico e na interação com os colegas.

Os critérios iniciais de seleção dos entrevistados são:
Ser estudante regularmente matriculado em um dos cursos da UFRB-CFP;

Obs. Dentre outros critérios será considerado (gênero, autodeclaração de cor/raça, área de concentração (humanas ou exatas), espaço geográfico (rural e urbano), idade e diferentes períodos que cursa a graduação).

Sua participação é muito importante para que possamos investigar aspectos peculiares da vida universitária, fator este que interfere na permanência simbólica e material e na qualidade de vida dos estudantes.

Aos interessados e quem deseja esclarecimentos de dúvidas sobre a pesquisa podem entrar em contato imbox, pelo telefone (75) 991822281 (wats) ou pelo e-mail: alexrabioli@hotmail.com.

Pesquisador responsável: Alexsandro Rabioli Nunes Ribeiro
Professora Orientadora: Drª Dyane Brito Reis

Amigos e professores da UFRB, conto com a ajuda de vocês para constituir uma amostra diversificada na pesquisa.

